

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE
HISTÓRIA**

NATACHA FRANCIELE SILVA

**“Abram alas para o empreecimento do povo preto nos desfiles das Escolas de Samba do
Rio de Janeiro: Conhecer a história dos pretos, é entender a verdadeira história do
Brasil (2019-2022).**

UBERLÂNDIA -2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE
HISTÓRIA**

NATACHA FRANCIELE SILVA

“Abram alas para o empreecimento do povo preto nos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro: Conhecer a história dos pretos, é entender a verdadeira história do Brasil (2019-2022).

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para outorga de grau no curso de Graduação em História: Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Ivete Batista da Silva Almeida.

UBERLÂNDIA -2023

Natacha Franciele Silva

“Abram alas para o empreecimento do povo preto nos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro: Conhecer a história dos pretos, é entender a verdadeira história do Brasil (2019-2022).

Monografia apresentada à Universidade Federal de Uberlândia – UFU, como requisito para obtenção do grau de bacharel/licenciado em História.

Data da defesa: 29/06/2023

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Ivete Batista da Silva Almeida – Professora Orientadora Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Professora Doutora Iara Toscano
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Professor Doutor Júlio César de Oliveira
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

UBERLÂNDIA - 2023

*“Desfila o chumbo da autocracia
A demagogia em setembro a marcha
Aos “renegados” barriga vazia
Progresso agracia quem tem pra bancar
Ordem é o mito do descaso
Que desconheço desde os tempos de Cabral
A lida, um canto, o direito
Por aqui o preconceito tem conceito estrutural
Pela mátria soberana, eis o povo no poder
São Marias e Joanas, os Brasis
Que eu quero ter*

*Deixa Nilópolis cantar!!
Pela nossa independência, por cultura popular*

*Ô abram alas ao cordão dos excluídos
Que vão à luta e matam seus dragões
Além dos carnavais, o samba é quem me faz
Subversivo Beija Flor das Multidões”*

(Beija Flor de Nilópolis, 2023)

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer as 7 linhas da Umbanda e a todos os Orixás que abriram caminhos, me deram proteção e sabedoria ao longo dessa jornada. Em especial a todas as entidades do Terreiro Pai João do Congo e Zezinho Marinheiro localizado na cidade de Araxá-MG que sempre me ampararam.

A minha mãe Ionires Maria, que sempre acreditou no meu potencial e não me deixou desistir do meu sonho de me formar em uma Universidade Federal. Ao meu pai Carlos Henrique, que sempre prezou pelo meu bem estar e trabalhou incansavelmente para que eu pudesse concluir o curso. Ao meu irmão Matheus Vinicius, companheiro de vida o qual independente da situação sei que nunca irá me abandonar.

Aos meus padrinhos Joana das Graças e Rogério Silva, e ao vô Lourenço Silva que me viram ingressar no curso de História, mas infelizmente não vão me ver concluir (*In memorian*).

Ao meu “xuxu” Gabriel Moreira que sempre teve paciência comigo nos dias que me encontrava esgotada.

A minha madrinha Maria Helena Silva que é um exemplo e força de mulher negra.

Aos meus primos queridos Andrêza Mota, Jessica Ingrid, Luana Cristina, Jean Estevam, Lucas Gabriel, Roger Santhyago, Lucas Lasara, Júnior Estevam, que tornaram essa caminhada mais leve com palavras de apoio e carinho.

Aos meus amigos Stefanne Alves, Camila Souza, Isabela Alves, Gabriela Rodrigues, Rayane Braga, Iago Henrique, Victor Goulart, Magnun Barbosa que me confortaram nos momentos difíceis e nunca soltaram a minha mão.

A professora Dr.^a Ivete Batista da Silva Almeida que foi mais que uma orientadora, se tornando minha coordenadora, amiga e parceira de vivências.

RESUMO

O Brasil é conhecido como o país do carnaval e, no senso comum, acredita-se que o ano só começa depois desse feriado. A festa acontece durante quatro dias entre os meses de fevereiro ou março, e recebe turistas de todo o mundo. Os foliões dão vida a cidade do samba, aos sambódromos das escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo, aos trios elétricos que arrastam multidões na Bahia, e os bloquinhos movimentam as cidades interioranas. Mesmo recebendo toda essa atenção de dentro e de fora do país, o carnaval ainda é alvo de muitas críticas e desaprovações. Existem pessoas que acreditam que essa festa é libertina, do demônio, bagunçada, de gente vagabunda e de mulher assanhada. Sendo boa ou ruim, não tem como negar que o carnaval brasileiro chama a atenção do mundo todo, pois só no Brasil acontece uma festa como a nossa. Você já parou para pensar no porquê isso acontece? Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar a festa de carnaval como crítica social e cultura popular preta. Para isso irei utilizar os desfiles das escolas de samba: Estação Primeira de Mangueira (2019), Beija Flor de Nilópolis (2022) e a campeã do carnaval de 2022 Acadêmicos do Grande Rio. Apoiada por uma bibliografia de clássicos como os trabalhos de Roberto da Matta e também nas sinopses, produzidas pelas próprias escolas, entendo que a importância dessa pesquisa reside na urgência em dar-se visibilidade e a devida importância à cultura brasileira de matrizes africanas, demonstrando sua complexidade, sua riqueza temática e estética.

PALAVRAS CHAVES: Negros, escola de samba, desfile, intolerância religiosa, heróis.

ABSTRACT

Brazil is known as the country of carnival and, in common sense, it is believed that the year only begins after this holiday. The party takes place during four days in February or March, and receives tourists from all over the world. The revelers bring to life the city of samba, the sambodromes of the samba schools in Rio de Janeiro and São Paulo, the *trios elétricos* (electric trios) that drag crowds in Bahia, and the little carnival parades that move the countryside cities. Even receiving all this attention from inside and outside the country, carnival is still the target of much criticism and disapproval. There are people who believe that this party is libertine, of the devil, messy, of vagrant people and horny women. Whether it is good or bad, there is no denying that the Brazilian carnival calls the attention of the whole world, because only in Brazil does a party like ours happen. Have you ever stopped to think why this happens? The objective of this course completion paper is to present the carnival as a social critique and black popular culture. For this I will use the parades of the samba schools: Estação Primeira de Mangueira (2019), Beija Flor de Nilópolis (2022) and the champion of the 2022 carnival, Acadêmicos do Grande Rio. Supported by a bibliography of classics such as the works of Roberto da Matta and also in the synopses, produced by the schools themselves, I understand that the importance of this research lies in the urgency in giving visibility and due importance to the Brazilian culture of African matrix, demonstrating its complexity, its thematic and aesthetic richness.

KEY WORDS: Blacks, samba school, parade, religious intolerance, heroes.

SÚMARIO:

CAPÍTULO 1: PRAÇA ONZE	1
1.1 A micro história através dos desfiles das escolas de samba	4
1.2 Estação Primeira de Mangueira.....	7
1.3 Traz de volta o que a história escondeu.....	10
CAPÍTULO 2: MANGUEIRA 2020	22
2.1 Desfile da Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis 2022.....	23
2.1.1 Poder Para o Povo Preto.....	24
2.2 Nunca foi sorte, sempre foi Exú.....	29
2.3 Considerações finais.....	36
Referências Bibliográficas.....	39

Introdução

Numa breve análise sobre o período que corresponde ao nosso recorte cronológico, vemos que desde as eleições presidenciais, no Brasil, em 2018, o país passou por momentos turbulentos, a polarização entre as ideologias de extrema-direita e de esquerda foi tão forte que abalou a vida pessoal de muitos brasileiros. Naquele momento, durante o período eleitoral, o candidato Jair Messias Bolsonaro fez uma série de falas racistas, intolerantes, homofóbicas, preconceituosas e tratou com desprezo e indiferença diversos grupos e classes sociais que o apoiavam – ou não. Com o fim da eleição e a vitória do candidato Bolsonaro, o Brasil passou por quatro longos anos de descaso, negligência e falcatura por parte do presidente e seus aliados que formavam então a maioria tanto no Congresso quanto entre a opinião pública.

Após a sua posse, os eleitores do falso Messias ficaram incontroláveis, cometeram crimes em nome Deus e do “Mito”¹, cresceram cada vez mais em número os casos de racismo, intolerância religiosa e agressões físicas e verbais².

Mas nem só de alienação vivemos os anos de 2019 a 2022. No carnaval de 2019 a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira abordou o tema: “História para ninar gente grande” mostrando que a história do Brasil foi e é contada por aqueles que dominaram os indígenas, pretos e pobres, e que a verdade estava estampada na cara de todos, mas que muitos insistem - até hoje - em acreditar nos falsos heróis. A agremiação apresentou nomes como: Tapajós, Cunhambebe, Aqultune Ezgondidu, Luiza Mahin, Chico da Matilde, entre outros³. Pessoas e povos que fizeram a diferença na história do país, e que deveriam ter seus nomes citados nos

¹ Forma em como os eleitores de Jair Bolsonaro se referiam a ele, como registrado em BOFF, Leonardo. O mito verdadeiro e o mito falso (Bolsonaro) <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/613265-o-mito-verdadeiro-e-o-mito-falso-bolsonaro-artigo-de-leonardo-boff>

² Ver sobre o tema na publicação do IBGE: *Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas* <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>

³ Os **tapajós** são um grupo indígena brasileiro, com remanescentes na área urbana de Santarém e na vila de Alter-do-Chão, no século XVII controlava uma extensa área entre os municípios de Juruti e Prainha, no estado brasileiro do Pará. **Cunhambebe** foi um famoso chefe indígena tupinambá brasileiro, do século XVI, tendo sido a autoridade máxima entre todos os líderes tamoios da região de Cabo Frio (RJ) a Bertioga (SP). **Aqultune Ezgondidu** foi uma princesa congoleza escravizada no Brasil e líder quilombola à frente de um dos 11 mocambos do Quilombo dos Palmares, mãe de Ganga Zumba. **Luísa Mahin** — talvez nascida no início do século XIX (possivelmente em 1812[1]) —, foi uma personagem histórica de existência controversa, uma escrava de origem africana, radicada no Brasil, que teria tomado parte na articulação dos levantes de escravos que sacudiram a Província da Bahia nas primeiras décadas do século XIX. Filho de um jangadeiro e uma rendeira, **Chico da Matilde**, foi um nome importante para a luta anti-escravista no estado do Ceará, no século XIX.

livros de história das escolas, mas que perdem seus lugares para os falsos heróis brasileiros que dizimaram, violentaram, escravizaram e silenciaram os verdadeiros protagonistas históricos.

Depois do carnaval de 2020, em meio ao início de uma pandemia mundial, após o presidente da república contrariar os alertas da OMS sobre o perigo da COVID-19, permitindo a entrada no país de estrangeiros e turistas, chegava ao Brasil o vírus SARS-CoV-2 que é uma infecção respiratória aguda potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e global. As medidas para contenção da transmissão desse vírus demoraram muito a serem implementadas, centenas de milhares de pessoas morreram no Brasil até o início da aplicação da vacina em janeiro de 2021 – vacina essa que poderia ter sido aplicada muito antes se o presidente do Brasil tivesse comprado as vacinas em 2020 quando estavam em fase de desenvolvimento, e negado as propostas feitas pelos institutos brasileiros que negociaram e produziram as vacinas⁴.

Quem mais sofreu com os impactos da pandemia de 2020 além das vítimas fatais da doença, foram os pobres que perderam seus empregos, foram despejados de suas casas e passaram fome.⁵

Nos anos que sucederam o governo Bolsonaro 2019 a 2022 os casos de racismo e intolerância religiosa continuavam a crescer⁶ em relação aos anos anteriores, as ações não eram levadas a sério por parte da população que apoiava essa violência, e nem mesmo pela justiça, já que quem estava no comando do Brasil ao visitar um quilombo proferiu as seguintes falas: “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas, não fazem nada. Nem para procriadores servem mais”. Além de incentivar os ataques às religiões de matrizes africanas ao utilizar lemas como: “Deus, pátria e família”, “Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos” em um país considerado laico.

⁴ Leia mais sobre o tema em: *Brasil poderia ter sido primeiro do mundo a vacinar, afirma Dimas Covas à CPI*. Fonte: Agência Senado. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi>

⁵ Ler sobre esse tema em *A Pandemia De Covid-19 E A Desigualdade Racial De Renda*, artigo de Pedro H. G. Ferreira de Souza para a Revista do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11561/25/218212_LV_Impactos_Cap21.pdf

⁶ *Racismo religioso cresce no país, prejudica negros e corrói democracia*. Fonte: Agência Senado . Fonte: Agência Senado Federal <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/racismo-religioso-cresce-no-pais-prejudica-negros-e-corroi-democracia>

Após o início do processo de vacinação em massa, a população voltou lentamente para a antiga rotina de socialização, e em abril de 2022 foi possível realizar novamente os desfiles das escolas de samba, após dois anos de distanciamento social.

Diante dos cenários vividos nos anos anteriores muitas agremiações, em seus enredos, decidiram abordar assuntos polêmicos que retratavam a intolerância religiosa e o racismo no Brasil, temas como: A desmistificação de Esú e o Afrofuturismo, apresentados respectivamente pela Acadêmicos do Grande Rio e pela Beija Flor de Nilópolis.

O material levantado pelas agremiações para a realização de seus desfiles é muito rico, esse material forma o livro abre alas, que se equipara a um projeto de pesquisa, e contém todas as referências e as justificativas da importância de abordar-se o tema escolhido.

Tendo o Rio de Janeiro como campo de análise, percebe-se que a festa de carnaval vai muito além do desfile na Marquês de Sapucaí e dos trajes dos foliões, o carnaval brasileiro é cultura popular que deveria ter mais relevância como objeto de estudo. Em se tratando de produção de conhecimento, o livro abre alas também pode e deve ser utilizado como fonte para enriquecer o material didático no ensino escolar, bem como possui grande potencial para a pesquisa acadêmica. No que se refere à ação social, as comunidades possuem diversos projetos sociais que só são possíveis colocar em prática por conta da visibilidade que ganham através do desfile de carnaval, mas que após passar essa época caem no esquecimento da opinião pública.

O objetivo deste trabalho é mostrar que o carnaval não é uma festa libidinosa, mas uma manifestação cultural popular das pessoas pretas, que valoriza a história e as temáticas do povo preto, e que só é atacado devido ao silenciamento dos grupos oprimidos do Brasil. Desta forma, irei utilizar os enredos escolhidos pela campeã do carnaval de 2019: Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, pela campeã do carnaval de 2022: Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, e pela vice-campeã do carnaval de 2022: Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis.

Para investigar sobre o período mencionado utilizaremos como fonte de trabalho o livro abre alas das referidas escolas de samba de 2019 e 2022, organizado pelas próprias agremiações. Os livros são encontrados no site oficial do LIESA⁷ – Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro - lá é possível encontrar informações desde o carnaval de

⁷ Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro <https://liesa.globo.com/>

1985. O livro abre alas contém informações como: referências das leituras utilizadas para o estudo do tema, histórico e justificativa do enredo, roteiro do desfile e ficha técnica das alegorias.

Utilizaremos a metodologia da análise do discurso⁸, objetivando compreender a maneira como se deram as construções e escolhas dos referidos textos. Aplicaremos os passos apontados por Eni Orlandi, em *A análise do Discurso*⁹, a metodologia de Orlandi consiste em pensar a relação entre o sujeito, seu lugar e seu tempo. A autora entende que não há uma história linear, única e universal, “[...] pois a consequência seria de pensar que há lugares e tempos em que não se passaria nada cientificamente, o que é uma abstração mutilante desta história”¹⁰.

Além disso, o uso da língua está ligado ao território, ao sujeito e a ideologia, de modo que também tem influência sobre sua escrita e sobre suas escolhas na comunicação. Leva em conta também a relação do texto com o seu exterior, pois, a autora afirma que “observando a materialidade do texto, não abandono o exterior específico (o real da história) mas o considero atravessado pelo exterior constitutivo (o interdiscurso)”¹¹. Diante disso, a análise do discurso, se preocupa com “[...] modos e das dinâmicas do texto e do discurso por ocasião da produção de sentidos ao longo do fio da história.

A tabulação será um método utilizado na parte inicial da pesquisa para analisar o conteúdo das sinopses. Somente com a leitura não seria possível observar os detalhes uma vez que o livro abre alas contém diferentes informações, sendo assim, a tabulação foi feita levando em consideração as seguintes informações: qual o assunto/tema abordado? Qual a data do acontecimento? É herói ou falso herói? As outras duas escolas abordam esse tema? Se sim, qual a ligação entre elas? Além de selecionarmos também uma palavra-chave que nos tenha chamado a atenção. Essas questões serão levantadas para se possa confrontar tais informações com as narrativas presentes na bibliografia, assim priorizaremos as reflexões sobre os grupos subalternizados na história do Brasil

⁸ É uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, ou seja, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor.

⁹ ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Pontes editores, 2005.

¹⁰ ORLANDI, 2005, p. 2.

¹¹ ORLANDI, 2003, p. 4.

1. Praça Onze

Para muitas pessoas o carnaval é uma festa imoral, sórdida e libidinosa, esse tipo de pensamento surge não somente em virtude dos trajes carnavalescos ou pelo modo que os foliões aproveitam a festa, mas esse pensamento é principalmente, fruto da equação: por quem o carnaval é produzido e para quem ele é produzido. Para entender a visão depreciativa que muitos têm da festa de carnaval é necessário entender suas origens e o porquê, mesmo depois de tantos anos, alguns brasileiros ainda não conseguem enxergar o quê o carnaval representa para a cultura popular¹² de nosso país.

Antes de 1931 os desfiles das escolas de samba mais pareciam com os atuais desfiles de blocos carnavalescos, as roupas dos componentes não seguiam um padrão de cor e tema ou estilo, as danças eram livres e não coreografadas como o são hoje em dia, era cantado mais de um samba ou marcha nas apresentações, havia muito improviso, e as letras não contavam uma narrativa. Os desfiles aconteciam nas próprias comunidades e não havia nenhum tipo de competição entre as escolas.

Tudo mudou no início de 1932, quando o Jornal Mundo Esportivo¹³ estava sem matéria para o periódico e decidiu fazer uma entrevista com os presidentes das agremiações. Foi a partir desta entrevista que surgiu a ideia de convidar as escolas de samba para uma competição onde a melhor apresentação ganharia o título de vencedora do desfile.

Com o patrocínio do jornal, o primeiro desfile das escolas de samba aconteceu no dia 7 de fevereiro de 1932 na praça Onze¹⁴ de Julho¹⁵ e contou com a inscrição de dezenove escolas de

¹² Pensamos aqui, cultura popular como aponta Martha Abreu: “Além de permitir o resgate ou a reconstrução da possível autonomia de as pessoas pensarem e agirem no mundo em que vivem (ou viveram), a expressão *cultura popular* mantém aberta, no meu modo de ver, a possibilidade de se pensar em um campo de lutas e conflitos sociais em torno das questões culturais, já que, no mínimo, existiriam culturas não populares, mesmo que definidas, neste momento, em termos negativos.” CULTURA POPULAR, UM CONCEITO E VÁRIAS HISTÓRIAS 1 Martha Abreu 2 In: Abreu, Martha e Soihet, Rachel, Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

¹³ O jornal: Mundo Esportivo foi fundado pelo pernambucano Mário Filho em maio de 1931 na cidade do Rio de Janeiro. O jornal tinha como objetivo reportar os acontecimentos do mundo do esporte.

¹⁴ Local de referência e importância para os sambistas, Hilária Batista de Almeida, mais conhecida como Tia Ciata é a matriarca do samba e foi na casa dela que aconteceu as primeiras rodas de samba do Rio de Janeiro, foi lá também que a primeira gravação de um disco de samba “Pelo telefone” foi feita. A casa de Tia Ciata ficava localizada na Praça Onze de Julho, atual localização do Terreirão do Samba e do Sambódromo da Marquês de Sapucaí.

samba, entre elas a tríade carnavalesca: *Deixa falar* (rebatizada como Grêmio Recreativo Escola de Samba Estácio de Sá), *Estação Primeira de Mangueira* e *Conjunto Carnavalesco de Oswaldo Cruz* (atualmente conhecida como Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela).

O jornal criou critérios para a avaliação: as escolas teriam que dar a volta na Praça Onze de Julho, ter no mínimo 100 componentes, obrigatoriamente uma ala das baianas, sambas inéditos e era proibido o uso de instrumentos de sopro. A Mangueira venceu o primeiro desfile de carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro. Depois dessa competição as agremiações tomaram gosto pela disputa e organizaram o desfile para o ano seguinte.

A partir disso a primeira entidade representativa das escolas de samba foi fundada em 1934, a União Geral das Escolas de Samba do Brasil - UGESB. Ela era responsável por ajudar a organizar os desfiles e conseguir apoio financeiro para as escolas de samba que faziam parte da União, as demais escolas continuavam a desfilar por conta própria nas suas respectivas comunidades. A criação da UGESB foi muito importante para a história do carnaval já que as escolas não recebiam nenhuma ajuda do poder público. Em 1941 a Praça Onze deixaria de ser o local dos desfiles das escolas de samba.

Já em 1947 foi criada a Federação Brasileira de Escolas de Samba, uma outra entidade representativa das escolas de samba cariocas que tinha como objetivo enfraquecer a UGESB que era considerada comunista. Até o Carnaval de 1946, só eram reconhecidas como escolas de samba as entidades ligadas a UGESB, depois da criação da FBES as escolas de samba poderiam escolher a qual instituição queriam pertencer, gerando uma rixa entre as duas entidades. A Federação organizou os desfiles de 1949 a 1951.

As escolas queriam fazer um único desfile, mas com duas entidades responsáveis por organizar diferentes desfiles a vontade das escolas ficava cada vez mais difícil de ser realizada. Ao final do mandato do prefeito Irênio Delgado em 1951, a UGESB e a FBES decidiram se fundir e, juntas, formaram a Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro – AESCRJ em 1952.

A Associação ficou responsável por organizar os desfiles de todos os grupos cariocas, e foi com a associação que os grupos se dividiram entre o Grupo Especial e os Grupos B, C, D, E, com direito a ascensão e rebaixamento entre eles. O trabalho orquestrado pela associação

¹⁵ A praça 11 de Junho era chamada de Largo do Rocio Pequeno, abrigava as famílias de imigrantes (portugueses, espanhóis e italianos) recém desembarcados, negros e judeus. Com a vitória brasileira no confronto de Riachuelo, Largo do Rocio Pequeno foi rebatizado com a data do confronto.

logo começou a apresentar falhas, desagradando ao Grupo Especial, o que gerou discussões, desentendimentos e até a saída das agremiações da AESCRJ.

O jogo do bicho foi uma peça importantíssima para as escolas de samba. Em uma época que o carnaval era visto como coisa de pobre e vagabundo, cada agremiação ia em busca de um financiador que pudesse ajudar na compra das fantasias. Os bicheiros em meio a disputas de territórios viram nas escolas de samba sua uma forma de demarcar sua autoridade. A partir da década de 1970 os bicheiros repartiram o território do Rio de Janeiro e financiavam desfiles cada vez mais luxuosos para mostrar o tamanho do seu poder.

Com a criação da LIESA, a cúpula do jogo¹⁶ passaria a ser responsável por negociar com as autoridades da gestão pública, questões legais e econômicas dos desfiles, o que era irônico já que o jogo do bicho era ilegal. A negociação só era possível de acontecer porque as agremiações eram muito gratas e fiéis aos bicheiros, pois era através deles que os moradores das comunidades conseguiram um pouco mais de conforto e assistência; os bicheiros financiavam o aparelhamento de: escolas, postos de saúde, festas e viagens para o exterior para as escolas de samba; o que possibilitava aos integrantes que conhecessem novos países e com o dinheiro que recebiam alguns conseguiam comprar até casa própria. Atualmente os bicheiros são lembrados com muito carinho e de forma romantizada por integrantes das escolas de samba que agora, recebem ajuda financeira do estado.

Os representantes das escolas não estavam satisfeitos com a falta de melhoria nos desfiles de carnavais. Dez escolas de samba¹⁷ saíram da associação em 1984 para fundar o LIESA. Depois da saída das agremiações a associação ficou responsável pelos desfiles dos grupos: B, C, D, E, e pelos desfiles das campeãs dos respectivos grupos. Mesmo com a saída das escolas do grupo de acesso a situação da associação não mudou, pelo contrário, mesmo mudando a presidência os grupos reclamavam e muito da precariedade e do descaso da entidade.

A AESCRJ foi desfeita no final do ano de 2014, as divisões passaram a ser de responsabilidade da LIERJ¹⁸, hoje conhecida como Superliga Carnavalesca do Brasil, a entidade está ativa e ainda cuida dos desfiles das escolas de samba das Séries Prata, Bronze e Grupo de avaliação.

¹⁶ Grupo de banqueiros que repartiram o território do Rio de Janeiro.

¹⁷ Acadêmicos do Salgueiro, Beija-Flor de Nilópolis, Caprichosos de Pilares, Estação Primeira de Mangueira, Imperatriz Leopoldinense, Império Serrano, Mocidade Independente de Padre Miguel, Portela, União da Ilha do Governador e Unidos de Vila Isabel.

¹⁸ Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Em julho das 1984 às dez agremiações que saíram da Associação se reuniram e fundaram o LIESA¹⁹ que seria responsável por cuidar dos desfiles das escolas de samba do Grupo Especial. Naquele ano, o governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola junto com a Prefeitura inaugurou o Sambódromo da Avenida Marquês de Sapucaí que fica localizado na antiga Praça Onze. A construção do sambódromo marcou a história do samba, as agremiações ganharam um local fixo para desfilarem, mas, em contrapartida, tiveram que modificar partes do espetáculo.

Com um local maior para desfilarem as escolas de samba começaram a fabricar carros maiores, fantasias esplendorosas, tornando o desfile mais luxuoso. Em 2003 a LIESA e a prefeitura conseguiram inaugurar a Cidade do Samba, onde seriam construídas 14 fábricas de carnaval para a construção de fantasias e alegorias para as agremiações. Em 2004 criou-se o Centro de Memória do Carnaval que conta com um acervo físico e digital, e em 2012 foi o ano da reforma e ampliação da passarela do samba. A instituição segue sua gestão em busca de equacionar condições internas e demandas das agremiações e buscando melhorar a cada novo carnaval.

1.1 A micro história através dos desfiles das escolas de samba

É necessário investigar quem são os indivíduos que produzem o carnaval para entender por que tantas pessoas se dedicam para que ele aconteça. Não é possível analisar-se o desfile como se este estivesse totalmente condizente com a realidade de todos os brasileiros, na maioria das vezes os temas escolhidos pelos carnavalescos são um reflexo do cotidiano e das vivências das camadas mais baixas do nosso país, mesmo assim, durante as apresentações dos desfiles muitas pessoas criticam os temas abordados pelas escolas de samba.

A sociedade é dividida de acordo com a posição econômica, escolha política e a religião, esses valores determinam a pirâmide social. Dessa forma, a fé correta é a que acredita em Deus, os heróis do Brasil são os encontrados nos livros de história, nos nomes das avenidas e nas praças da cidade, bandido bom é bandido morto, e por aí vai. Mas quem determina tais afirmações? O certo do errado? Aqueles que ocupam o topo da pirâmide e das representações sociais?

O racismo, a intolerância religiosa, a justiça que tende a pender para o lado do branco, são fatos presentes, mas também reflexos do nosso passado. O princípio da Constituição Brasileira de 1988 é garantir igualdade para todos, mas algumas ações são ignoradas, já outras induzidas, isso vai depender da cor da sua pele, seu gênero, e o quanto de dinheiro você tem. A colonização portuguesa ainda dita os moldes da nossa sociedade, mesmo que essas ideologias de mais de quinhentos anos atrás. Os pensamentos conservadores estão tão enraizados nas estruturas do nosso país que até algumas pessoas pretas e pobres acreditam estar do mesmo lado do homem branco e rico.²⁰

Mesmo depois de 135 anos que a Lei Áurea foi assinada, os negros ainda enfrentam o racismo estrutural fruto da falta de reparação histórica, pois ao serem libertos os negros cativos foram soltos como bichos, sem direitos, sem trabalho, sem moradia e sem dignidade. As leis do século passado dificultavam a vida dos negros: eram livres, mas não aceitos, não eram considerados seres humanos, não receberam nenhuma ajuda de órgãos públicos, e não podiam praticar livremente sua fé. Atualmente 56% da população de todo país é preta, e independentemente do local em que moram, da posição social que ocupam, os pretos ainda lutam contra o privilégio branco.

De acordo com o antropólogo Roberto da Matta (1997) a casa/lar é um lugar de conforto e estabilidade para o indivíduo, mas a rua é vista como algo ruim, uma penalidade, onde está-se cercado de violência, perigo e imoralidade. E quem são esses moradores que circulam pelas ruas, considerados imorais? Em sua maioria pessoas pretas. As escolas de samba em sua grande maioria eram e são formadas por pessoas pretos e moradores de comunidade, pessoas essas que são taxadas como marginais por boa parte da sociedade. O carnaval é um rito brasileiro, e como qualquer outro ele tem uma simbologia²¹, é necessário ressaltar que o carnaval é uma festa destinada a um grupo em específico, e não para qualquer pessoa. Ele é feito para pessoas pretas.

Mesmo abordando diversas temáticas nos enredos, o carnaval é feito para que essas pessoas pretas possam se expressar através do ritmo da bateria e do samba no pé. No desfile das escolas de samba de 2023, a agremiação Acadêmicos do Salgueiro trouxe para a avenida a

²⁰ Kabengele Munanga - *Teoria Social E Relações Raciais No Brasil Contemporâneo*
https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf

²¹ O carnaval como uma peça da construção identitária brasileira. Rodrigo Muniz F. Nogueira.
<https://www.redalyc.org/pdf/1154/115416770006.pdf>

interpretação de uma batalha entre São Miguel Arcanjo e o Demônio²², onde o Arcanjo saia vitorioso, logo após o desfile surgiram comentários de pessoas brancas e cristãs dizendo que a escola não poderia fazer um desfile com a imagem do diabo, e que todo mal que acontecesse ao Brasil durante o ano seria uma punição de Deus contra a agremiação por terem tamanha ousadia. É necessário que esse grupo entenda que o desfile não foi feito para que eles ditem o que pode ou não ser dito ou feito, eles são somente espectadores deste espetáculo.

O carnaval é considerado um rito nacional, já que de maneira direta ou indireta todos os brasileiros são afetados por ele, os serviços públicos e privados são orientados a como proceder com certas situações dessa época do ano, dobra-se a segurança nas rodovias e nas ruas, pois o fluxo de rotatividade de pessoas aumenta. O carnaval é muito lucrativo para comércio interno do Brasil, não há outro lugar do mundo que encontre um carnaval como o nosso, é um acontecimento ímpar que gera milhares de oportunidades de emprego.

É comum durante os desfiles das escolas de samba, que pessoas tentem invadir a passarela para que possam “brincar” junto dos assistentes das agremiações. Nas comemorações do 7 de setembro onde a guarda nacional marcha pela rua, ou, nas procissões religiosas, as pessoas não costumam invadir o cortejo com o intuito de fazer parte dele, pois sabem que mesmo sendo uma ocasião aberta ao público nem todas as pessoas fazem parte daquele grupo. Mas por que a mesma percepção de respeito não acontece nos desfiles de carnaval? É evidente que isso só acontece porque se trata de uma festa de pessoas pretas, onde qualquer pessoa se sente no direito de invadir alegando que a festa é para o povo, e até mesmo querer ditar o que as escolas de samba devem ou não fazer.

Os bailes de carnaval são considerados um ambiente familiar ao contrário da avenida, mas essa ideia é preconceituosa e conservadora, uma vez que o povo preto e pobre não costuma frequentar esse tipo de festa em clubes e salões fechados, não para se divertir, apenas para trabalhar. Os carnavais de clubes cobram ingresso, contratam bandas, numeram as mesas, fazem a escolha do cardápio, muito diferente do chamado carnaval de rua, onde qualquer pessoa independente da condição financeira consegue aproveitar a folia. Mas a diferença mais importante entre os bailes e o carnaval de rua é o seu significado. Para as pessoas brancas o carnaval é só mais uma festa, mas para as pessoas pretas os desfiles são parte de suas vidas, é o momento em que a comunidade apresenta para sociedade as suas vivências cotidianas.

²² Salgueiro causa revolta em evangélico. Por Giovanna Fraguito Atualizado em 20 fev 2023
Revista Veja. <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/salgueiro-causa-revolta-em-evangelicos>

As mulheres pretas que desfilam nas escolas de samba são vistas como mulheres sem-valor, “mulatas tipo exportação”, fáceis, e putas, isso é causado pelo modo em como se apresentam - nuas/seminuas – ou causado pela forma como sua imagem é apropriada pelas mídias? Pois as mulheres em praias nudistas também estão desnudas, mas não são objetificadas. As mulheres pretas do carnaval não possuem o mesmo reconhecimento das mulheres brancas e ricas que desfilam nas mesmas escolas samba e com os mesmos trajes, e que pagaram por eles. Para conseguir notoriedade e recursos, as agremiações convidam celebridades para compor o corpo da escola, a ideia é com que a chegada desses ídolos das mídias, a escola consiga mais visibilidade, mais seguidores, mais fãs e mais recursos. O que também é bom para o famoso, já que pessoas do mundo inteiro assistem aos desfiles, e ao fazer parte de uma agremiação a celebridade é abraçada por toda a comunidade.

Discordo do antropólogo Roberto da Mata quando ele afirma que: “o carnaval é um momento sem dono, posto que é de todos [...] porque aqui tudo deve estar sob o rígido controle dos códigos dominante” (DA MATTA, pág. 118, 1997). O carnaval não é terra de ninguém, não é bagunça como muitos acreditam que seja, o carnaval é da comunidade, das favelas, das religiões de matrizes africanas, o carnaval é do povo preto. E só é visto como desordem porque é uma festividade onde as pessoas de baixa renda e pretas conseguem participar, e são a maioria, afinal de contas, o carnaval é feito por e para essas pessoas.

1.2. Estação Primeira de Mangueira

O Morro do Pedregulho era um local com uma grande quantidade de árvores de mangas, que abrigava os escravos que fugiam do bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro. Alguns negros construíam seus casebres por lá após fugirem, ou após conseguirem a carta de alforria, mas viviam em constante alerta, uma vez que era um lugar sempre invadido por guardas a procura de escravos fugitivos.

Em 1852 foram instaladas linhas telegráficas, e a população passou a chamá-lo de Morro do Telégrafo. Quando o transporte ferroviário começou a circular por lá, os moradores da comunidade pediam aos condutores que parassem nas mangueiras para que pudessem saltar do trem.²³

²³ Site oficial da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira <https://mangueira.com.br/site/>

Em 1889 foi inaugurada uma estação entre os bairros São Cristóvão e São Francisco Xavier que ficou conhecida como: Estação Mangueira. Por ser extenso algumas partes do morro recebiam outros nomes como: Telégrafo, Pendura Saia, Santo Antônio, Chalé, Faria, Buraco Quente, Curva da Cobra, Olaria, Candelária. De acordo com o site oficial da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, depois da Proclamação da República, a cidade do Rio de Janeiro passou por um processo de reurbanização, que obrigou os moradores dos cortiços centrais a se mudarem, pois teriam suas casas demolidas para melhorar a estética da cidade e dar espaço para novas avenidas²⁴. As pessoas pobres que foram expulsas dos cortiços sem direito a uma realocação encontraram alento no Morro da Mangueira.

Assim como o morro, os blocos carnavalescos que aconteciam por lá eram diversos, e por seus moradores não possuírem dinheiro o suficiente para se divertir nos bailes de carnaval das pessoas brancas e ricas, os mangueirenses se divertiam da maneira que podiam: produzindo seu próprio carnaval. O cenário de divisão só mudaria quando Angenor de Oliveira (Cartola), Saturnino Gonçalves (Seu Saturnino), Abelardo da Bolinha, Carlos Moreira de Castro (Carlos Cachaça), José Gomes da Costa (Zé Espinguela), Euclides Roberto dos Santos (Seu Euclides), Marcelino José Claudino (Seu Maçu) e Pedro Paquetá, fundam o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira em 1928, e elegeram como primeiro presidente o senhor Saturnino Gonçalves. E, conforme dito, em 1932 o Jornal Mundo Esportivo viria propor que as escolas de samba das favelas do Rio de Janeiro desfilassem em uma única apresentação na Praça Onze em forma de competição.

A Estação Primeira de Mangueira foi a campeã do primeiro desfile das escolas de samba em 1932. A agremiação recebeu tal nome porque era a primeira parada do trem que saía da Estação Dom Pedro para o subúrbio carioca.

Falar de Mangueira é falar de Cartola, uma grande figura para a Mangueira, que além de ser um de seus fundadores, foi o responsável por adotar as cores verdes e rosa para a escola, pois lembrava o Rancho²⁵ do Arrepiado do morro das Laranjeiras, local que foi seu lar até se mudar para o Morro da Mangueira. Angenor de Oliveira – Cartola - era cantor,

²⁴ A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana André Nunes de Azevedo - Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio-ago. 2003 39 DOSSIÊ TEMÁTICO. http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-AndreAzevedo.pdf

²⁵ Rancho carnavalesco era uma associação que realizavam cortejos de carnaval típica da cidade do Rio de Janeiro, entre o fim do século XIX e a primeira metade do século XX em sua fase de maior prestígio, existindo até a década de 1990. O cortejo tinha a presença de rei e rainha, ao som de uma marcha-rancho com ritmo mais pausado que o samba, acompanhado por instrumentos de sopro e corda.

compositor, poeta e violinista, compôs grandes sucessos como: “*As rosas não falam*” e “*O Mundo é um Moínho*”. Ainda menino ele conheceu Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça, também morador da Mangueira, tornaram-se grandes amigos e criaram vários sambas juntos. Cartola criou o primeiro samba para a agremiação chamado *Chega de Demanda*²⁶, mesmo depois de sua morte em 1980 ainda é lembrado nas letras dos sambas enredos pela escola da Mangueira onde se consagrou.

No documentário *Fala Mangueira* de 1981²⁷ narrado por Grande Otelo²⁸, a questão da descaracterização do carnaval já era apresentada, nos depoimentos, os moradores falam sobre a verdadeira essência do carnaval ter ‘ficado para trás’. Com a criação de alas e carros alegóricos fez-se com que o carnaval ficasse cada vez mais luxuoso, mas também controlado, e os sambistas ‘de raiz’ relatam sentir falta da simplicidade do samba. No documentário os moradores da Mangueira reclamam da busca pelo luxo nos desfiles das escolas de samba, afirmam que tal exuberância não condiz com a realidade que vivem, e não veem as alegorias como algo essencial para o carnaval, muito pelo contrário, afirmam que as escolas deveriam ser julgadas pelo samba no pé de seus foliões, e não pela alegoria mais bonita.

Concordo com tais posicionamento, uma vez que, atualmente, vemos a descaracterização cada vez mais presente nos desfiles. Pessoas que não fazem parte das comunidades, e que estão ali na escola de samba em busca apenas de popularidade e seguidores nas redes sociais. Cargos de renome nas agremiações como rainha da bateria e destaque, são vendidos para quem pagar mais caro e, frequentemente, para mulheres brancas sequer sabem sambar adequadamente. O corpo de jurados e os carnavalescos são cargos ocupados por pessoas brancas, ou muitas vezes, pessoas distantes da vivência do samba, e não por pretos sambistas que deveriam preencher esses espaços.

A Mangueira ultrapassou as fronteiras da escola de samba e do morro carioca e, desde 1987, ela possui projetos sociais que envolve e ajuda a comunidade. O Instituto Profissionalizante Mangueira, que tem como objetivo preparar os moradores da comunidade para o mercado de trabalho, o Mangueira do Futuro que oferece atendimento sócio esportivo-educacional e cultural às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social da

²⁶ *Chega de Demanda* – Início dos anos de 1930. https://www.youtube.com/watch?v=GK_knoOYvjI

²⁷ Documentário *Fala Mangueira!* Direção: Frederico Confalonieri. Narração: Grande Otelo. Com Ítala Nandi e Abdias do Nascimento 1981. <https://sambacarioca.com.br/samba/documentario-fala-mangueira-de-1981/>

²⁸ Grande Otelo, pseudônimo de Sebastião Bernardes de Souza Prata, foi um ator, comediante, cantor, produtor e compositor brasileiro

comunidade, o Camp Mangueira ajuda os jovens mangueirenses a se capacitarem com conhecimento técnico e teórico para ingressar no mercado de trabalho, o Camp também possui um programa de jovem aprendiz, e a associação Mangueira do Amanhã que é uma escola de samba mirim. Nos desfiles, a escola se destaca por abordar temas sociais, culturais, religiosos e políticos. Venceu dezenove campeonatos em primeiro lugar e levou o último título em 2019 com o tema: “História para ninar gente grande” que será uma das fontes utilizadas nesta pesquisa.

1.3. Traz de volta o que a história escondeu

Diante do cenário político e social que o Brasil viveu em 2018, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira abordou em seu enredo de 2019 o tema: “História para ninar gente grande” que tinha como objetivo preencher as lacunas ausentes de um passado mal contado. A desigualdade econômica e os problemas sociais que encontramos nos dias atuais são frutos de séculos de silenciamento e opressão aos filhos da pátria que os pariu.

É comum ouvir alunos do ensino fundamental e médio dizendo que não veem sentindo estudarem história como uma disciplina, pois seria somente o estudo de pessoas mortas, questionamento que, por si só, já mostra a carência de uma estrutura de ensino escolar que parta de uma aprendizagem significativa. São ensinados os mesmos temas, as mesmas guerras, os mesmos heróis, a história nas escolas é conteudista e *decoreba* que depois do fim do ano letivo os alunos já nem se lembram mais sobre o que aprenderam. O enredo da Mangueira de 2019 vem justamente para quebrar esse paradigma de repetição, a intenção é que o espectador se pergunte o porquê a história do Brasil é contada somente depois da chegada de Cabral, ou, por que, quando estudamos o mundo antigo, não lemos sobre os reinos africanos já que foram eles os pioneiros da escrita e das pirâmides egípcias?

Os colonizadores não queriam ser considerados uma raça atrasada em relação a sabedoria dos pretos e dos povos originários. Seria uma vergonha aprender sobre medicina com um Pajé que andava nu e respeitava a natureza como forma de civilização, ou aprender sobre cosmologia com uma raça que possuía cor, religião e cultura diferente. Ao invés de trocar conhecimento, os colonizadores preferiram dizimar e escravizar esses povos, usurpar dos seus conhecimentos, e os intitular como ignorantes, preguiçosos, pecadores, procriadores

e sem alma. Paradigmas esses que foram instaurados no seio da sociedade brasileira para descredibilizar e dominar os povos considerados subalternos, mesmo sendo eles a maioria, e os verdadeiros heróis.

O samba enredo da Mangueira de 2019 começa dizendo que é necessário tirar as vendas da antiga história para entender que os verdadeiros heróis do nosso país foram pessoas sofridas e guerreiras assim como a população do Morro da Mangueira: “Mangueira, tira a poeira dos porões ô, abre alas pros teus heróis de barracões, dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões, são verde e rosa as multidões” (MANGUEIRA, 2019). A escola se refere ao Brasil de forma carinhosa, como se estivesse se referindo a uma persona ingênua e enganada, e desmente a ótica eurocêntrica contada nos livros de história: “Brasil, meu nego, deixa eu te contar; a história que a história não conta, o avesso do mesmo lugar na luta que a gente se encontra, Brasil, meu dengo a Mangueira chegou com versos que o livro apagou” (MANGUEIRA, 2019).

E conta para a persona o outro lado da história, daqueles que foram silenciados: “Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento, tem sangue retinto, pisado atrás do herói emoldurado. Mulheres, Tamoios, mulatos, eu quero um país que não está no retrato” (MANGUEIRA 2019).

E cita de quem deveria ser a credibilidade pelas lutas e conquistas do povo brasileiro: “Brasil, o teu nome é Dandara, e a tua cara de é de Cariri, não veio do céu, nem das mãos de Isabel a liberdade, é um dragão do mar de Aracati, salve os caboclos de julho, quem foi de aço nos anos de chumbo, Brasil chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles e Malês” (Mangueira, 2019). Nessa parte da letra os surdos da bateria ganham destaque pois, simulam um som de tiro, enquanto o restante da bateria para de tocar, fazendo alusão ao assassinato de Marielle Franco, ocorrido em 2018.

A penúltima escola a passar pelo sambódromo carioca em 2019 abriu o desfile com a imagem de: Princesa Isabel, o bandeirante Domingos Jorge Velho, o Marechal Deodoro da Fonseca, o imperador D. Pedro I, o missionário José de Anchieta e o “descobridor” Pedro Álvares Cabral se desemoldurando da parede de um museu para mostrar o tamanho de seus feitos históricos: pequenos. O corpo de baile monta uma dança teatral encenada por bailarinos baixos para mostrar que os nomes citados nos livros didáticos na verdade não são tão gloriosos assim, dando espaço para que os verdadeiros heróis negros e indígenas ocupem seus lugares de direito na parede emoldurada.

O primeiro casal de mestre sala e porta bandeira recebia o nome de: “Donos da terra”, representados pelas cores verde e rosa²⁹ dando vida ao primeiro setor do desfile: “Tem mais invasão do que descobrimento” mostrando que quando Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil, a terra já era povoada, e que o país foi invadido e não descoberto como narra a literatura tradicional. Os tripés: “Exuberância indígena” formam a imagem de dois indígenas pintados na cor dourada para mostrar a riqueza desse povo que já habitava o Brasil.

Os registros das cerâmicas Tapajós são de sete mil e quinhentos anos³⁰, bem antes da chegada de Cabral, são reconhecidas pelas artes e pela arqueologia do mundo todo dentre as cerâmicas mais antigas do continente americano, feitas de barro policromado. Os indígenas Marajoaras eram vizinhos dos Tapajós, e habitaram o Brasil até 1400, cem anos antes da chegada dos portugueses, os utensílios e as urnas que produziam eram pintados nas cores vermelho e preto que era extraído das plantas da região como urucum, jenipapo, carvão e fuligem. Em homenagem a esses povos as alas: “A cerâmica testemunha de um Brasil milenar” “A cerâmica Marajoara” abriam o desfile dos passistas como prova de que os povos localizados na região norte e nordeste do país possuíam ritos e técnicas milenares e avançadas. O esplendor na cabeça desses foliões mostra como eram as cerâmicas produzidas por essas tribos.

O carro abre alas que carregava o nome do primeiro setor do desfile mostrava como eram as matas do Brasil antes da chegada dos portugueses, a gruta que fica na parte da frente do carro representava as pinturas rupestres encontradas na Serra da Capivara que têm cerca de mais de doze mil anos. O carro é todo na cor verde, até mesmo as fantasias dos foliões, o que dava a entender que a ideia do carnavalesco era passar uma imagem de como esses povos se camuflavam nas matas, até mesmo como estratégia de fuga e de guerra. Atrás da gruta era possível ver uma grande cabeça indígena como se estivesse se escondendo, guerrilhando ou até mesmo brincando.

O segundo setor apresentava nomes de figuras importantes dos povos originários, mas desconhecidas pela opinião pública, como: Cunhambebe que lutou ao lado do também líder

²⁹ As cores da escola

³⁰ Atualmente, as datas mais antigas para o início da ocupação humana da Amazônia chegam a mais ou menos 10.500 anos AP, enquanto Roosevelt escavou cerâmicas datadas em, respectivamente, 7.090 ± 80 BP e 7.580 ± 215 AP. *O Velho E O Novo Na Arqueologia Amazônica*. Eduardo Góes Neves. Revista USP. <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30096>

Aimberê para expulsar os portugueses do litoral hoje conhecido como Bertiooga (SP) e Cabo Frio (RJ). Com a ambição de querer colonizar o local, os portugueses capturaram o pai de Aimberê que com as péssimas condições do cativeiro e os maus tratos que sofriam dos estrangeiros, ele acabou falecendo, e como forma de vingar seu pai Aimberê aliou-se a Cunhambebe um famoso líder das tribos tupinambás que lutou contra os portugueses até perder a vida por uma doença trazida pelos franceses – outro aliado feito durante a guerra. A Confederação dos Tamoios terminou em 1567 quando o capitão Estácio de Sá chegou ao litoral com reforço militar para acabar de vez não só com a batalha, mas para dizimar e escravizar os indígenas. Na ala era possível ver os passistas com um adereço na mão, que de acordo com a bibliografia levantada pela escola de samba, Cunhambebe era canibal e se considerava um felino selvagem.

A “Confederação dos Cariri”³¹ foi uma guerra violenta que aconteceu entre os anos de 1682 e 1713 no nordeste brasileiro, as tribos Cariri, Crateús, Cariús e Inhamuns lutavam contra a invasão dos portugueses e o mercado escravocrata que vendiam os indígenas como objeto. O conflito foi o motivo pelo qual a repressão ao Quilombo dos Palmares teria sido adiada, deslocando as forças locais para que combatessem o ataque indígena, que seguia destruindo milhares de cabeças de gado e aterrorizando os colonos. A revolta começou com ataques generalizados contra vilas e fazendas e terminou com a chegada de um militar responsável pelo completo extermínio de tribos indígenas de outras regiões.

A Guerra Guaranítica aconteceu entre os anos de 1753 e 1756, pela disputa das terras às margens do rio Uruguai, o conflito ocorreu por conta do Tratado de Madrid, que exigia a retirada da população guarani, da região que ocupavam há cerca de um século e meio, os indígenas da tribo Guarani entraram em confronto contra as tropas luso-espanholas. “Sepé Tiajaru” foi um guerreiro guarani que se tornou líder das milícias indígenas e escreveu à Coroa Espanhola: “Esta terra tem dono e não é nem português nem espanhol, mas Guarani” (MANGUEIRA, 2019, pág 347). O líder foi assassinado em combate, de lança em punho, guerreando na batalha de Caiboaté.

A ala “Salve os caboclos de julho” lembra dos indígenas que perderam suas vidas na Guerra de Independência da Bahia que aconteceu antes da Independência do Brasil e teve fim no 2 de julho de 1823. Um fato que não é relatado é que houve um batalhão indígena que lutou usando armas tribais, assim como a participação dos negros que lutaram contra os

³¹ O nome da ala é “Confederação dos índios Cariri, mas como não se usa mais o termo índio optei por usar o outro nome dado a essa guerra: Confederação dos Cariri.

portugueses que não queriam aceitar o “rompimento” de Brasil e Portugal. O nome de Maria Felipa é citado no samba enredo, mas não durante o desfile, vale ressaltar que Maria Felipa foi uma mulher negra, baiana e marisqueira, que exerceu um papel importante na luta pela independência de sua província. Maria Felipa ficou conhecida por incendiar barcos portugueses, além de comandar um grupo de mulheres que eram responsáveis por seduzir e matar os tripulantes das embarcações. Contudo, a figura dessa mulher, nos estudos sobre a Independência baiana, foi obliterada e seu nome quase não é citado.

“Genocídio indígena no Brasil” é o nome da ala que encerra o segundo setor da escola que mostrou que os povos originários não foram descobertos, mas sim invadidos e dizimados. A eles foi dado o crédito da mandioca, do guaraná e do banho, a história eurocêntrica apagou nomes, tribos, mitos, culturas, religiões, práticas, estratégias militares, técnicas, saberes, matou crianças e abusou das mulheres. Os povos originários não eram pacíficos, e nem preguiçosos, mas essas características lhes foi atribuída depois de serem exterminados pelos colonizadores que não ficaram satisfeitos em matar, escravizar, abusar e tirar as terras indígenas, queriam tirar também sua dignidade.

O segundo carro alegórico: “O sangue retinto por trás do herói emoldurado” representa os atos “heroicos” dos bandeirantes: o genocídio. Os bandeirantes foram responsáveis por matar e capturar indígenas e negros. Ainda nos dias de hoje as bandeiras são homenageadas como ação de bravos desbravadores do Brasil. O carro é todo pichado para mostrar a revolta dos descendentes indígenas, outra representação é o uso da cor vermelha que se encontra por todo o carro para representar o sangue daqueles que foram mortos pelos bandeirantes, alguns nomes estão espalhados pelo carro no formato de cruz como: tamoiós, tupinambás, mulheres, FUNAI. O que chama atenção do telespectador é que o carro é empurrado por 20 mulheres, e não por homens como se costuma encontrar nas escolas de samba do grupo especial.

A velha guarda da mangueira abre o terceiro setor do desfile “Nem dos céus nem das mãos de Isabel” para falar sobre os negros no Brasil, e nada mais justo do que abrir com a sabedoria dos mais velhos, aqueles que vieram antes de nós para falar sobre a luta preta e a resistência. “Negro quilombola” é a ala sobre os vários quilombos espalhados pelo Brasil, lugar de refúgio, abrigo e reorganização social, lugar seguro para os pretos que escapavam de seus senhores, ou aqueles que conseguiam a carta de alforria ou quando já nasciam livres. O quilombo não era só um refúgio para os negros, mas também um lugar que no qual podiam

constituir família, praticar sua religião, traçar rotas de fugas para libertar mais negros e, principalmente, um local onde podiam cultuar suas origens africanas.

A alegoria três: “O Trono Palmarino” exalta o Quilombo dos Palmares e Zumbi, nome importante para a história dos pretos, e falar de Palmares é também falar de Dandara, sua esposa que preferiu se entregar a morte ao voltar a ser escrava, e de Aqualtune Ezgondidu princesa africana que liderou dez mil homens contra as tropas portuguesas, mas ao perder a batalha foi trazida para o Brasil como escrava reprodutora. Aqualtune fugiu ainda grávida para o Quilombo dos Palmares e lá, após ser reconhecida por sua realeza, comandou e organizou o quilombo ao lado de seu filho Ganga Zumba. Tia Suluca irmã do Mestre-Sala Delegado³² representou Aqualtune, Nelson Sargento representou Zumbi dos Palmares, e a cantora Alcione estava representando Dandara dos Palmares. É importante ressaltar a falta de bibliografia sobre essas duas mulheres com papéis tão importantes na luta pela resistência do povo negro.

A ala dos passistas: “Tereza de Benguela e José Piolho” faz alusão ao maior Quilombo que já existiu no Mato Grosso, seu líder foi um escravizado, dado como herança que ao conseguir fugir fundou o Quilombo dos Piolhos/Quilombo Quariterê. Após ser capturado e morto por soldados do estado, sua esposa Tereza de Benguela, assume seu lugar na liderança e comanda o quilombo até 1795 quando é invadido e destruído. A rainha da bateria Evelyn Bastos representava “A força negra de Esperança Garcia”, Esperança Garcia foi considerada em 2017, pela Comissão da Verdade da Escravidão Negra, a primeira mulher advogada do Piauí, que aos 19 anos escreveu uma carta para o governador do Piau contando das violências que sofria em uma fazenda do estado. O figurino da rainha de bateria era composto por correntes quebradas nas mãos e pedras de búzios na cabeça. Os integrantes da bateria estavam caracterizados de “Sapiência Negra”³³, os negros pensadores, inteligentes que poderiam ser o que quisessem ser, incluindo a narrativa sobre pretos com feitos magníficos que ocupam cargos e lugares de prestígio, fugindo do estereótipo de negros ineptos.

A emissora que transmitiu o desfile não mostrou duas importantes alas para a agremiação: o segundo casal de metre sala e porta bandeira interpretando “Manoel Congo e Marianna Crioula” dois líderes de uma das maiores revoltas escravas que aconteceu na região

³² Hélio Laurindo da Silva, mais conhecido como Delegado (Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1921 - Duque de Caxias, 12 de novembro de 2012), foi diretor de bateria, ritmista e mestre-sala da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, reconhecido como o maior mestre-sala do carnaval carioca, conquistando apenas nota máxima durante o período em que desfilou.

de Paty do Alferes – RJ – em 1838. A Revolução das vassouras libertou mais de 400 escravos que revoltados com o assassinato de um escravo da fazenda do capitão mor Manoel Francisco Xavier se rebelaram e saquearam fazendas, libertaram os escravos das senzalas e também a escravaria doméstica, a revolta gerou tanta polêmica que o clima de medo entre os fazendeiros perpetuou por algumas décadas.

A segunda ala omitida na transmissão do desfile foi: “Tantos nomes para uma luta só” as sete musas estão vestidas de guerreiras para representar a luta de mulheres negras que não tiveram seus nomes nos contos heroicos sobre a história do Brasil. São elas Acotirene, uma das primeiras mulheres a habitar os povoados quilombolas da Serra da Barriga, a matriarca do Quilombo dos Palmares, onde exercia a função de mãe e conselheira. Aqaltune, a filha do Rei do Congo, a princesa que foi vendida como escrava reprodutora para o Brasil onde iniciou ao lado de seu filho Ganga Zumba a organização de um Estado negro, que abrangia povoados distintos confederados sob a direção suprema de um chefe. Zeferina, angolana sequestrada do continente africano e trazida para o Brasil onde organizou a resistência negra na região de Salvador, sendo a fundadora do Quilombo do Urubu. Adelina Charuteira, escrava nascida no Maranhão e ativa na campanha abolicionista da capital maranhense. Maria Aranha, líder do Quilombo do Tocantins onde venceu os ataques escravistas. Maria Felipa, baiana e marisqueira, que exerceu um papel importante na luta pela independência de sua província, ela ficou conhecida por incendiar barcos portugueses, além de comandar um grupo de mulheres responsáveis por seduzir e matar os tripulantes das embarcações. Tereza de Benguela, rainha do Quilombo do Piolho, comandou a resistência do quilombo por duas décadas, era uma figura respeitável entre os pretos e os indígenas das margens do rio Guaporé.

As baianas da Estação Primeira de Mangueira dão vida às “Irmandades Negras”, vestidas de ‘negras-de-ganho’ com suas joias de crioulas, as baianas representam as negras que podiam ficar com parte do dinheiro que ganhavam nas vendas para financiar as irmandades. As irmandades eram vigiadas e tinham suas atividades controladas por criarem laços religiosos, culturais e por financiar o dinheiro das cartas de alforrias³⁴. A alegoria feita

³⁴ CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. As irmandades religiosas de Africanos e afro-descendentes. Revista PerCursos, Florianópolis, v.8, n. 1, p. 03-17.
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/download/1525/1287/2570>

para o “Levante Malê” exaltava os negros mulçumanos que lutaram na Revolta dos Malês que aconteceu na Bahia e tinha como objetivo o fim da escravidão para os negros islâmicos, contra a imposição do catolicismo como religião, e pela implementação de um governo negro. Como o figurino da ala mostrava, durante a revolta, os malês ocuparam as ruas com roupas brancas e amuletos, que, na narrativa, eram descritos como amuletos que os protegeriam contra os ataques dos adversários. Uma das líderes desse movimento foi Luiza Mahin, considerada Rainha da Bahia caso houvesse sucesso da rebelião, o que infelizmente não aconteceu, já que durante a guerra os pretos usaram lanças, porretes e objetos cortantes, enquanto a guarda nacional estava munida de armas de fogo. Luiza Mahin era pertencente à nação nagô, da tribo Mahin, nasceu livre e veio para a Bahia como escrava, nunca aceitou o cristianismo e era pagã. Leci Brandão, a primeira compositora mulher da Estação Primeira de Mangueira representou a rainha baiana sentada em um trono nobre na alegoria que ganhou nome de: “A malê de sobrenome Mahin”.

Luís Gama foi outro negro homenageado no desfile da verde e rosa, a ala “Tributos ao negro Luís Gama” ganhou destaque logo atrás da alegoria “A malê de sobrenome Mahin” que era a mãe de Gama, ele foi vendido ilegalmente por seu pai, um fidalgo português. Na sua vida adulta se dedicou aos estudos e tornou-se um advogado que defendia os escravos sem cobrar nada, ele foi responsável por libertar 500 escravos. Chico da Matilde, nome não mencionado nos livros de didático, foi responsável por abolir a escravidão no estado do Ceará, cinco anos antes da princesa Isabel assinar a abolição da escravatura. Conhecido como “Dragão do mar de Aracati” Francisco José do Nascimento era um jangadeiro, pobre que trabalhou desde crianças nas embarcações com a mãe Matilde, quando tomou maioridade ele ficou responsável pelas Capitânicas dos Portos de Ceará, e em 1881 fechou os portos de Fortaleza a fim de romper as embarcações dos navios negreiros para os tráfegos interprovinciais onde os escravos eram transportados para outras cidades e províncias, ele também abrigava escravos fugitivos em sua casa.

A atitude do Dragão do Mar de Aracati fez com que todos os escravos do estado do Ceará fossem livres 5 anos antes do fim da escravidão no Brasil. O carro alegórico “Dragão do mar de Aracati” era todo na cor dourada, representando a sabedoria que chegava ao Brasil junto com todo o sofrimento dos pretos, o carnavalesco preferiu mudar a estética do navio negreiro chamando de: recipiente negro, alegando que além da escravidão ter sido uma passagem histórica que gerou consequências até nos dias de hoje, a sociedade brasileira ainda se beneficia do saber do negro. O que discordo, os colonizadores DOMESTICARAM todo

um continente, e mesmo que com o fim da escravidão viesse uma reparação histórica nunca seria o suficiente para suprir e curar as sequelas que causaram. A escravidão deve ser mostrada como realmente aconteceu. No desenvolvimento de uma sociedade, a troca de cultura, religião, língua, práticas, é algo que acontece de forma natural, nunca foi preciso escravizar as pessoas para que isso acontecesse. Não existe lado positivo em domesticar, torturar e abusar de pessoas, não é, e nunca foi preciso escravizar para trocar conhecimento, a escravidão foi (e ainda é) um sistema econômico imundo que produziu lucro através da subalternização de um determinado grupo.

O setor quatro “A história que a história não conta” faz piada dos heróis que acreditamos serem grandes, mas que foram desemoldurados logo na comissão de frente da agremiação. Como o intuito da escola é contar a verdadeira história do Brasil, a Estação Primeira de Mangueira não dá tanto destaque para a história convencional, tanto é assim que na sinopse, onde se encontra todas as informações do desfile, o quarto setor é o menor, e o mais resumido. A ala destinada ao descobridor Pedro Álvares Cabral, está vestida como presidiários na cor preto e branco com os números 171 estampados no peito. O crime do artigo 171 do Código Penal consiste basicamente na prática de golpes, nos quais o criminoso engana a vítima para obter algum tipo de vantagem.

A ala “Versão Heroica para Pedro I” traz um Dom Pedro I da forma descrita nos livros de história, o herói brasileiro em cima de seu alazão que preferiria morrer a continuar refém de seu pai, o rei Dom João. Mas, como é sabido, a alegoria heroica está muito distante da verdade que, para além das especulações de que Dom Pedro I não estaria em trajes de gala, mas com diarreia e montando em uma mula, o que realmente estaria envolto pelo véu do mito das história as margens do Ipiranga, seria a narrativa sobre D. Pedro estar rompendo as relações com Portugal. A independência foi um acordo – talvez um tanto difícil de ser celebrado, pois descontentava alguns - mas não uma ruptura. Este é o argumento que mostra a ala “Versão Jocosa para Pedro I” onde ele é representado em cima de uma mula e vestido de palhaço. A emissora que transmitia o desfile ao vivo não mostrou a versão jocosa de Dom Pedro I.

A Proclamação da República foi um golpe militar orquestrado por conservadores que tentaram a todo custo ‘enfiar a república goela abaixo dos brasileiros’ que não a entendiam

nem a queriam³⁵. O Marechal Deodoro da Fonseca era mais um símbolo para os militares que propriamente uma liderança. É por isso que na roupa dos foliões desta ala encontrasse o brasão da república e a coroa na cabeça para mostrar “O Marechal Republicano que Não Tirou a Monarquia da Cabeça”.

Como não havia participação popular na implementação da república, os conservadores queriam criar um herói republicano que fosse contrário a monarquia para conquistar o povo. Foi então que “O Retrato de Tiradentes” foi encomendado a imagem e semelhança a Cristo para que caísse na graça do popular brasileiro e que aceitassem de uma vez por todas a nova condição política que se encontrava. A última alegoria do desfile apresenta páginas escritas com histórias não vistas ou não contadas nos livros didáticos e na literatura brasileira sobre personagens como: o Padre Jesuíta José de Anchieta, presidente Republicano Floriano Peixoto, Duque de Caxias, Princesa Isabel e ainda, apontando para as narrativas mais recentes, que buscam “reescrever” histórias a partir de pontos de vista militarizados, revisionistas, negacionistas, como a negação da existência da ditadura militar.

Começando pela história de José de Anchieta, padre que ficou conhecido por catequizar indígenas por meio do teatro e da música na língua tupi, desconsiderava completamente o fato de que os povos originários já tinham religião e a catequização demonizava e ia contra os costumes dos indígenas. José de Anchieta podia até não ser adepto da violência para a conversão, mas, concordava com a pregação contra a vontade deles, e com a declaração de guerra por parte dos portugueses a quem se negasse a ouvir a palavra do deus cristão, eram meios legítimos.

Floriano Peixoto, foi vice-presidente de Deodoro da Fonseca, no início da República, assumiu o poder após a renúncia do presidente, desprezando a constituição que previa a convocação de eleições caso o presidente renunciasse antes da metade do mandato. Em seu governo, houve a prisão, o desterro, a deportação e o fuzilamento contra quem se rebelasse, a violência do seu governo é encontrada no romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto (1915). Floriano Peixoto não gostava de festa e tentou transferir o carnaval de

³⁵ Sobre esse tema, ver mais em *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi* / José Murilo de Carvalho. - São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

1892 para o mês de junho, alegando o risco de propagação de epidemias no verão, a população fez dois carnavais brincou em fevereiro e em junho.³⁶

Duque de Caxias, é o patrono do exército brasileiro, ganhou o título de "O Pacificador", por liderar tropas em diversas revoltas e guerras na América Latina. Mas, para os brasileiros pobres do Império, a história era outra, o general massacrava negros e indígenas. Ele foi o responsável por “pacificar” a Revolta da Balaiada, a Revolta da Farroupilha, e matar quilombolas no Maranhão.

Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon e Bragança, a “mãe dos negros”, governou o Brasil no fim da monarquia no século XIX, o Movimento Abolicionista reivindicava o fim da escravidão, que acontecia a mais de 300 anos, as revoltas lideradas pelos negros aconteciam em todas as partes do país, em meio às pressões de todos os lados, Isabel assinou a Lei Áurea no dia 13 de maio de 1888 pondo fim à escravidão no Brasil, o que só aconteceu porque pretos e pretas lutavam contra a escravidão e criaram formas de resistência ao longo dos séculos.

Na parte da frente do carro alegórico os livros abertos falavam sobre o golpe civil-militar que derrubou o governo constitucional de João Goulart em 1964. Justificado pelos golpistas como necessário para evitar o comunismo em tempos de Guerra Fria e combater a corrupção, o golpe que durou 21 anos acabou com as eleições diretas para a presidência da República e governos estaduais, suspendeu direitos políticos e garantias civis, dissolveu partidos políticos, impôs o bipartidarismo, decretou recesso do Congresso mais de uma vez, extinguiu o habeas corpus para delitos políticos, impôs a censura prévia a jornais, livros, filmes, músicas e peças de teatro. Um dos destaques da alegoria é Hildegard Angel, irmã Stuart Angel Jones, e filha de Zuzu Angel que foram mortos pela ditadura militar. Seu irmão foi dado como desaparecido e sua mãe morreu em um suposto acidente de carro que Hildegard Angel acredita ter sido sabotado por militares. Outras figuras representadas na alegoria são: Borba Gato e a elite representada por baronesas; os personagens são vistos dançando sobre os corpos mortos de negros e indígenas.

³⁶ Carnaval: Brasil já teve que adiar a folia em anos anteriores. Carnaval: Brasil já teve que adiar a folia em anos anteriores. Fonte: Agência Brasil. <https://agenciabrasil.etc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2021-02/carnaval-brasil-ja-teve-que-adiar-folia-em-anos-anteriores>

O setor que encerra o desfile da Mangueira exalta a diversidade cultural e popular existente nas várias camadas “Dos Brasis que se faz um país”. Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho teve uma origem humilde, e é considerado um escultor renomado no mundo das artes plásticas, mas por ser filho de um português e uma negra escravizada, sua imagem foi embranquecida dando a entender que sua origem era de família branca. Não queriam dar mérito e prestígio para um homem negro.

“Salve Matita Perê” era a ala que exaltava o folclore brasileiro. Entretanto, quando a escola mencionava Matita quando queria fazer referência ao Saci Pererê, o que deixou na ocasião o público um pouco confuso já que Matita Perê ou Matinta Perê é outra figura do folclore brasileiro. Matinta Perê é uma bruxa velha que à noite se transforma em uma coruja rasga-mortalha e assobia em cima das casas em busca de promessas dos moradores, e não o menino travesso de uma perna só e gorro vermelho.

O nordeste é o território de um povo lutador, tradicionalmente um lugar de homens e mulheres de fibra. Historicamente, é uma área carente em função da histórica ocupação social do território brasileiro e das condições climáticas associadas à sua geografia, além de sofrer vários ataques de preconceitos por parte dos brasileiros sobretudo do Sudeste. O nordestino é a personificação de um povo heroico em função de sua luta, por isso ganha essa homenagem na Sapucaí dando “Viva o povo nordestino”. A última ala do desfile “São verde e rosa as multidões” conta com os destaques do chão: a cantora Rosemary e Monica Benefício viúva de Mariele Franco³⁷, a ala é ocupada por moradores das favelas que carregam bandeiras com rostos estampados de alguns “heróis de barracões” - termo correlacionado a “barraco” e é uma das mais populares designações das habitações populares nos morros e favelas do Brasil” (MANGUEIRA, 2019, pág 373) são eles: Carolina de Jesus, escritora brasileira conhecida por seu livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (1960), moradora da favela do Canindé, e foi catadora de papéis antes de se tornar escritora. Jamelão, figura importantíssima para o Morro da Mangueira, negro pobre que foi engraxate, vendedor de jornal, que fez uma das carreiras mais bem sucedidas como compositor e cantor brasileiro. Cartola, pedreiro que se tornou um dos maiores poetas da Música Popular Brasileira. Marielle Franco, mulher, negra, nascida no Complexo da Maré que se elegeu vereadora, defendia as causas das

³⁷ Marielle Francisco Silva foi uma socióloga, ativista, vereadora do Rio de Janeiro assassinada em 14 de março de 2018.

mulheres e dos negros, função que exerceu até ser assassinada em 2018. E uma bandeira do Brasil nas cores verde e rosa encerrava a apresentação da Escola.

O símbolo máximo do patriotismo recebia as cores de uma das mais populares comunidades do território nacional. É o Brasil assumindo a identidade do morro. É a Mangueira assumindo a identidade do Brasil. O Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira foi a campeã do grupo especial do carnaval carioca em 2019 marcando 270 pontos.

2.0 Mangueira 2020

Em 2020 o desfile da Agremiação Estação Primeira de Mangueira parecia ser uma continuação do enredo “História para ninar gente grande” de 2019, nesse ano a escola foi muito criticada pois abordou durante o desfile as várias faces de Jesus de Nazaré, alegando que a imagem apresentada pelas igrejas cristãs é distorcida e contraditória. O samba enredo da escola fazia alusão a algumas passagens bíblicas sendo comparadas à realidade dos dias atuais.

“A Verdade Vos Fará Livre”

Eu sou da Estação Primeira de Nazaré
Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher
Moleque Pilintra no Buraco Quente
Meu nome é Jesus da Gente

Nasci de peito aberto, de punho cerrado
Meu pai carpinteiro desempregado
Minha mãe é Maria das Dores Brasil
Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira
Me encontro no amor que não encontra fronteira
Procura por mim nas fileiras contra a opressão

E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão

Eu tô que tô dependurado
Em cordéis e Corcovados
Mas será que todo povo entendeu o meu recado?
Porque de novo cravejaram o meu corpo
Os profetas da intolerância
Sem saber que a esperança
Brilha mais na escuridão

Favela, pega a visão
Não tem futuro sem partilha
Nem Messias de arma na mão
Favela, pega a visão
Eu faço fé na minha gente
Que é semente do seu chão

Do céu deu pra ouvir
O desabafo sincopado da cidade
Quarei tambor, da cruz fiz esplendor
E ressurgi no cordão da liberdade

Mangueira
Samba, teu samba é uma reza
Pela força que ele tem
Mangueira
Vão te inventar mil pecados
Mas eu estou do seu lado
E do lado do Samba também

No enredo é possível perceber que a escola de samba se refere a Jesus como se ele fosse um morador da comunidade. Isso acontece porque os mangueirenses acreditam que, se Jesus voltasse nos dias de hoje com as características apontadas na bíblia, ele seria morador de favela, filho de pais pobres, impedido de ter acesso a muitas oportunidades por conta de sua origem, e morreria aos 33 anos, como o Cristo bíblico. A diferença é que sendo negro, morador de comunidade, andando no Brasil do “bandido bom é bandido morto” a polícia o mataria com três tiros afirmando terem confundido um guarda-chuva com um fuzil, e Maria, sua mãe, ao chorar pela morte do seu filho seria tratada com descaso pela sociedade que afirma que no Brasil não existe racismo, e que se ele não fosse vagabundo isso não tinha acontecido. Só que um carro foi atingido por 100 tiros e nele havia 5 garotos pretos que saíram para comemorar o primeiro salário de um deles e foram mortos por policias, assim como as 12 crianças que morreram dentro de suas comunidades durante uma operação policial. Seria Herodes o novo comandante da polícia?

2.1. Desfile da Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis 2022.

O racismo estrutural é resultado dos séculos de servidão a que o povo negro foi submetido, passando por diversos tipos de violência e maus tratos, que foram sendo normalizados, condições que foram normalizadas e tornadas partes constitutivas das estruturas sociais e de

poder de nossa sociedade³⁸. Tendo em vista que a Lei Áurea foi assinada em 1888, são apenas 135 de liberdade diante de 3 séculos de escravização um tempo que parece estar muito distante, mas ao analisar nossa árvore genealógica percebemos que alguns de nossos antepassados próximos como bisavô, trisavô ou tetravô nasceram no período escravagista. A Agremiação Estação Primeira de Mangueira em seu desfile de 2019 narrou o que aconteceu com esses escravizados quando chegaram ao Brasil, em 2020 o enredo da escola mostrou a maneira que se encontravam os descendentes desse povo: sendo mortos nos subúrbios do país. Mas qual a verdadeira origem desse povo?

2.1.1 Poder para o povo preto.

Assim como os indígenas, os povos africanos também já existiam e constituíam sociedades organizadas antes de serem escravizados, o continente africano não se resumia a uma só língua, cultura, costumes, práticas ou religião. Há mais diversidade sobre o povo preto do que conhecemos, mas esse passado foi apagado justamente para que não nos lembrássemos de onde viemos, quem somos, de quem descendemos e os feitos do nosso povo. Pensando nisso o Grêmio Recreativo Beija Flor de Nilópolis baseou seu enredo de 2022: “Empretecendo o pensamento é ouvir a voz da Beija Flor” dando ênfase à história do continente africano e dos povos sequestrados de lá.

A comissão de frente denominada Macuas³⁹ retratava a chegada dos negros no litoral do Brasil, os bailarinos pretos performavam vendados e, quando eles andavam sobre a areia um colono apagava suas pegadas simbolizando o apagamento da identidade do negro, que tinha que mudar sua língua, seu nome, separado de sua família, sendo vendido para quem pagasse mais. Diante dessa sorte, o negro ficava a mercê de seu dono para “reescrever” uma nova identidade. A bandeira do navio negreiro encenado na Sapucaí ganhava rostos negros, e ao final da coreografia, em um telão eram vistos nomes de pessoas pretas que foram assassinadas, a cena do caso George Floyd⁴⁰ com a última frase que a vítima conseguiu falar: “*eu não consigo respirar*”. Sobre o telão, o bailarino Rui Moreira⁴¹ surgia coreografando o

³⁸ ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

³⁹ Os macuas são um povo originário de Moçambique e da região de Mtwara na Tanzânia.

⁴⁰ George Perry Floyd, Jr. foi um afro-americano assassinado em Minneapolis no dia 25 de maio de 2020, estrangulado pelo policial branco Derek Chauvin, que ajoelhou em seu pescoço durante uma abordagem por supostamente usar uma nota falsificada de vinte dólares em um supermercado.

⁴¹ Bailarino e coreógrafo atuou nas companhias: Cisne Negro, Balé da Cidade de São Paulo, Cia. Será Quê?, Cia. Azanie (França), e no Grupo Corpo. Coreografou diversos elencos dentre eles a Cisne Negro Cia de Dança, o Balé do Teatro Guáira e a São Paulo Companhia de Dança. Sua formação artística mescla danças modernas, balé clássico, danças populares brasileiras e dança contemporânea africana. Recebeu a “Medalha da Inconfidência” pelo governo do Estado de Minas Gerais.

sofrimento causado pelo racismo, enquanto no chão os outros bailarinos escreviam “Vidas negras importam”.

A velha guarda vestida de “A Nobreza da Corte é de Ébano” era a ala que abria o desfile mostrando que os negros foram escravizados, mas na verdade, descendiam de realezas. Na escravidão, o negro era objeto de luxo, a riqueza do homem branco era calculada de acordo com a quantidade de escravizados que ele tinha, os colonos não permitiam que o negro possuísse qualquer tipo de direito ou liberdade, mas quando lhe era permitido o preto mostrava que os desprovidos de sabedoria não eram aqueles que se encontravam nos cativeiros. Os Dógons eram um povo encontrado na região das falésias de Bandiagara, no Mali, na Oeste da África, eles possuíam um conhecimento ancestral sobre matemática e astronomia, para eles o universo surgiu a partir da explosão da estrela Po Tolo que significa estrela semente, é a pequena estrela que gira ao redor da estrela maior Sirius. Algo que só ouviríamos falar a partir da teoria do Big Bang. Ao completar a volta da pequena estrela em torno da Sírius, algo que dura em torno de 50 anos, os Dógons comemoravam com festas e rituais com danças e máscaras, reproduzidas na avenida por uma das alas da Beija Flor de Nilópolis.

O carnavalesco Alexandre Louzada afirmou que não queria passar a ideia de uma África tribal como estamos acostumados a ver, mas uma África moderna fonte de estudos e pesquisas, berço da humanidade. Portanto, a primeira alegoria da agremiação ganha destaque na Sapucaí ao trazer as cores azul, preto e dourado, simbolizando os Impérios Africanos e a sabedoria da linhagem dos pretos. Denominado: “Traz de Volta o que a História Escondeu” revela a raiz e a ancestralidade dos povos originários do continente Africano com 54 países e mais de duas mil línguas⁴². É preciso voltar ao passado para entendermos de onde os negros que aqui chegaram, vieram, assim damos poder para o povo preto de hoje para entender que sua linhagem foi primordial para o desenvolvimento de diversas culturas do mundo.

A descoberta da escrita é datada por volta de 3.500 a.C, pelos povos sumérios que desenvolveram alfabeto próprio. Porém, os grandes impérios africanos já possuíam escritas desde 3.200 a.C, como o é o caso do Egito, que desenvolve três diferentes tipos de escritas,

⁴² *Línguas africanas no Brasil*. Margarida Maria Taddoni Petter Niterói, n. 19, p. 193-217, 2. sem. 2005
<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33263/19250>

que irão influenciar o surgimento de outras escritas na região nilótica, como a escrita meroíta (aproximadamente 700 a.C.). A Biblioteca de Timbuktu, no Mali é um dos primeiros e mais importantes centros de conhecimento do mundo, e é conhecida por suas imensas torres que protegiam os manuscritos desde sua construção. Foi construída no primeiro milênio depois de Cristo. As duas referências aparecem na alegoria, que nos apresenta a figura de um imponente beijaflor negro, (símbolo da escola) em escala grandiosa, representando a força, poder e saber dos nilopolitanos, que são em sua maioria negros. Na parte de baixo do carro alegórico, estão reproduzidos os símbolos Adinkra,⁴³ em que cada imagem tem um significado como: proteção, força, sabedoria, saúde, batalha, amor, poder, cooperação, energia e universo.

É importante que o povo preto saiba da existência dos dados apresentados acima, justamente para entender que sua origem não é do escravizado, mas que descendem de povos que assim como os europeus também foram responsáveis por grandes feitos globais. O estudo do afrofuturismo propõe a:

“O afrofuturismo se propõe a romper com a ideia única de idealização da história entendida com interpretações do passado, com aquilo que é o presente e com uma história única daquilo que pode ser. Ao olhar para o futuro a partir de outras determinações e possibilidades, precisa-se enxergar e reconstruir o passado, olhar para o presente em vista de novas possibilidades que se escrevem é projetar um futuro que ainda não aconteceu, mas que será possível a partir dessas novas formulações. Não é o modo como o colonialismo produziu suas fantasias e delírios sobre a África. Ao contrário, busca-se reconfigurar, refazer o nosso imaginário a partir da projeção do futuro. Eu sou, mas eu não sou aquilo que o racismo fez em mim”. (BEIJA FLOR, 2022, pág. 420).

Como sabemos, ‘Egito’ foi o nome dado pelos gregos, a região de Kemet, onde os povos negros desenvolveram construções arquitetônicas, valores, contribuições intelectuais e pioneirismo histórico extraordinários. “Monumentalidade Intelectual de Kemet” é a ala que vinha representando esse povo, vestidos de pirâmides. “Máscaras brancas sobre peles negras” é nome que a escola nilopolitana deu para a ala que falasse sobre a vontade de tornar-se/ser

⁴³ Adinkra são símbolos do Gana que representam conceito ou aforismos.

branco para poder ser aceito e ter o mínimo de dignidade de vida, como uma clara referência ao livro *“Peles negras, máscaras brancas”*, publicado em 1952, do psiquiatra martinicano Franz Fanon. Além de pensador, Fanon foi ativista, lutou nas guerras de independência pela Argélia e denunciou os males que as pessoas negras sofriam ao viverem em um mundo que não as aceita. Outra justificativa para essa ala vir logo atrás da “Monumentalidade Intelectual de Kemet” seria pelo fato do embranquecimento aos feitos do negro como, por exemplo, esconder que o conhecimento artístico, cultural e científico da humanidade surgiu primeiro no vale do Rio Nilo⁴⁴.

“Por que o Negro é Isso que a Lógica da Dominação Tenta Domesticar?” esta ala tem como objetivo denunciar as falácias racistas em forma de “elogio” atribuídos às pessoas negras: Mulata e Negão, a escola utiliza a autora Lélia Gonzáles para questionar o uso dessas definições para objetificar os corpos negros em manifestações como o carnaval. Enquanto as mulheres brancas saíam para as ruas para reivindicar igualdade de gênero, as mulheres pretas não podiam fazer o mesmo, pois eram elas que cuidavam dos filhos dessas senhoras. Até hoje as mulheres negras ainda são as não qualificadas para o perfil de várias empresas, mas não falo em relação a escolaridade e competência, e sim pelo cabelo crespo e pela tonalidade de suas peles, que as tornam fora dos padrões das empresas para que possam ocupar cargos na administração, muitas delas só se enquadram quando o serviço é o de limpeza, aí sim elas estão ocupando lugares que sempre foram delas. Quando reivindicam igualdade são taxadas de grossas e violentas, mas afinal: “Quem Tem Medo do Feminismo Negro?”.

O terceiro setor: “Artes visuais e atravessamentos ancestrais” mistura nomes de artistas negros com saudações aos orixás como por exemplo: Kabessilê Antônio⁴⁵, Loci Loci Valentins⁴⁶, Arroboi Andrés⁴⁷, Saluba Rosanas⁴⁸, Atotô Didis⁴⁹ e Ogunhê Jorges⁵⁰. A associação é um tanto quando confusa, e no desfile a dúvida não se esclarecia com facilidade, no livro abre alas é explicado de maneira superficial o motivo pelo qual foi feita a associação de cada artista com a saudação a um orixá “As artes negras, como as obras do Mestre Valentim, são exemplos porque sobrevivem à nossa indiferença de autoria no vai-e-vem cotidiano entre praças e parques [...] Se os encantos de Logun Edé não atravessaram grandes

⁴⁴ Como cita os estudos do historiador, físico, político e antropólogo senegalês Cheikh Anta Diop.

⁴⁵ Fez referência ao artista Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho) e o Orixá da Justiça Xangô.

⁴⁶ Fez referência ao artista Rubem Valentim e ao Orixá Logun Edé.

⁴⁷ Fez referência ao artista André Pinto Rebouças e ao Orixá Oxumaré.

⁴⁸ Fez referência a artista Rosana Paulino e a Orixá Nanã Buruku.

⁴⁹ Fez referência ao artista Deoscóredes Maximiliano dos Santos (Mestre Didi) e ao Orixá Omolu

⁵⁰ Fez referência ao artista Jorge dos Anjos e ao Orixá Ogum.

obras, talvez as mãos de Valentim estivessem em propósito de atravessá-las.” (BEIJA FLOR, 2022, pág 439). Se fosse citado somente os nomes dos artistas acredito que as alas desse setor ficariam menos confusas, o espectador iria entender com mais facilidade sobre quem se estava falando.

Sempre quando alcançamos as nossas metas e objetivos é necessário olhar para traz e lembrar daqueles que abriram caminhos para que pudéssemos realizar nossos feitos, principalmente quando os obstáculos são impostos pelo próprio sistema, que segue falhando nos meios de fazer justiça.

A Agremiação Estação Primeira de Mangueira em seu desfile de 2019 deu nome a alas e alegorias como forma de homenagear os heróis e intelectos negros do período colonial que não obtiveram o protagonismo merecido de acordo com seus feitos. A Mangueira ressaltava que muitos talentos negros foram embranquecidos, como o artista Aleijadinho, mas a escola não citou dois escritores importantes: Machado de Assis e Lima Barreto. O primeiro usava diferentes pseudônimos, teve sua imagem embranquecida, mas é considerado o maior nome na literatura brasileira. Já o segundo só recebeu o devido reconhecimento por suas obras depois de sua morte em 1922.

No desfile da escola nilopolitana foi feito um movimento muito semelhante, a diferença era que os homenageados da noite eram negros intelectuais dos dias atuais como: Milton Santos, Maria Firmina, Conceição Evaristo (que é o destaque da alegoria “Escrevivência”) Nei Lopes (homenageado nas vestes da bateria), Carolina Maria de Jesus, Djamilia Ribeiro, Rodrigo França, Cruz e Souza. A agremiação também homenageou Machado de Assis na ala “Machado de Assis: A Mística de Quem Somos na Capa” e Lima Barreto “Capítulos Póstumos: Lima Barreto” e ressaltou o embranquecimento na imagem desses dois autores. O embranquecimento era e é uma forma de velar a inteligência negra, tentando alegar que o saber só vem dos brancos, e que os negros são incapazes de produzirem feitos magníficos e grandiosos, mantendo a imagem do negro como sujeito cada vez mais submisso em uma sociedade racista, por falta de representatividade.

Enquanto no desfile da Mangueira o nome das alas e alegorias ficaram bem compreensíveis, possibilitando a quem assistia ao desfile identificar a quem a escola estava homenageando, já no desfile da Beija flor isso não ficou tão bem realizado. Algumas alas estavam com nomes muitos complexos que só lendo mesmo após a leitura do livro abre alas ou tendo conhecimento do assunto em tela, era possível compreender as alusões. O que vejo

como um ponto negativo, mas positivo ao mesmo tempo, talvez as escolhas por nomes pouco conhecidos e pouco compreensíveis fosse uma forma de criticar os brasileiros pela falta de conhecimento sobre o continente africano.

O tema da apresentação da escola de samba Beija Flor de Nilópolis nos mostra que foi necessário estudar o preto e suas origens, e não ficar preso somente na narrativa sobre o negro escravizado que sofreu violências e lutou por liberdade. A África não é chamada de continente-mãe apenas por ser o berço da humanidade, e o berço dos povos negros, mas principalmente pela sabedoria que o continente carrega. É necessário reconhecer as riquezas vindas de lá, e não associar o continente à ideia de pobreza e miséria. O desfile nos mostrava que não há como não aprendemos narrativas relevantes sobre o continente africano, seus impérios, suas culturas e seus povos, por falta de História, pois fontes, narrativas, documentos existem, e sempre existiram, o problema é que tudo isso se mantém em lugar de desqualificação e desinteresse, por parte de quem define os conteúdos e os currículos. O próprio carnaval é um rico material que apresenta grande potencial didático, poderia ser utilizado nas escolas no estudo sobre cultura popular, tradição e memória, o estudo levantado pelas agremiações exige um grande volume de pesquisa que é esquecido e desperdiçado quando o desfile se encerra.

2.2 Nunca foi sorte, sempre foi Exú.

As duas escolas de samba citadas neste trabalho quebraram paradigmas na Sapucaí carioca, incomodaram os conservadores, brancos e cristãos, mas foram aclamadas pelos pretos foliões, membros das agremiações e das comissões julgadoras. E, no desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial de 2022, quem levou o título de campeã foi o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio que chocou os espectadores abordando um tema nunca antes visto no sambódromo: “Fala Majeté, as 7 chaves de Exú”.

As religiões de matrizes africanas são frequentemente homenageadas nos desfiles das escolas de samba: Pretos Velhos, Oxum, Iemanjá, Xangô, Ogum, Oxóssi, Iansã, Oxalá, Obaluaê são os mais representados na Sapucaí do Rio de Janeiro e São Paulo. Mas nenhuma escola de samba teve a ousadia de fazer de Exú seu samba enredo, ele é sempre citado nos sambas e nos desfiles, mas nunca havia sido o protagonista na avenida. Grande Rio além de desmistificar a imagem desse grande orixá, abriu os caminhos para dar um basta na

intolerância religiosa que assombra e assola as comunidades e os filhos de terreiro de todo o Brasil.

O enredo chamado de “Fala Majeté” faz referência ao Orixá Esú e Esú Catiço. Há também Estamira, peça importante para esse enredo, ela foi uma moradora do lixão (aterro) de Jardim Gramacho em Duque de Caxias. Estamira dizia conversar com Esú através de um telefone e usava expressões como a que dá nome ao enredo para se comunicar com ele. Em homenagem a ela os dançarinos da comissão de frente “Cambio, Exú” retratavam as diferentes energias e manifestações dos exus catiços dos terreiros de umbanda, eles dão destaque para o Orixá Esú que levanta o mundo com uma mão e se alimenta com a outra, a boca que tudo come e os olhos que tudo vêem, se alimenta dos padês e cachaça anexados no topo do tripé. O lixão onde acontecia a conexão entre Estamira e Exú também é retratado na comissão de frente como ‘a fonte de saber’, “o verdadeiro lixo são os valores falidos de um modelo de sociedade que se mostra desigual e excludente” (ESTAMIRA, 2006)⁵¹.

A ala “Mar de dendê” retrata a maior das encruzilhadas: o Oceano Atlântico, foi através dele que os povos em diáspora se cruzaram, fazendo com que o conhecimento atravessasse países e continentes. Mas esse saber constituiu-se por meio de muito sofrimento dos negros e negras que foram sequestrados da África e levado para as Américas. Diante disso, a agremiação colocou diversos figurinos e chapéus nessa ala para mostrar os diversos povos existentes no continente africano: Ketus, Bantos, Aluvaiá e Mpambu, Njila, Jejes e Fons. A ala “Exu caboclo” mostra que exú se transforma/funde diante dos destinos que as encruzilhadas da vida te levam, os ritos africanos se fundiram com os ritos indígenas o que resultou em práticas religiosas afro-ameríndias.

O tripé “Exú Palmares” relembra Zumbi dos Palmares que é um importante nome na luta dos movimentos negros no Brasil, no desfile, a imagem do guerreiro é associada a Èsù Àgbà que quer dizer Exú Ancestral, Guardião da Sabedoria daqueles que já partiram. De acordo com a escola: “sempre que as mãos macumbeiras riscam pontos nos terreiros, Palmares é redesenhada e renasce, poderosa. Que o espírito libertário triunfe, com as bênçãos potentes de Exu e o axé que rebrota do solo” (GRANDE RIO, pág 295, 2022). Uma informação interessante que a escola apresenta no livro abre alas é que em 1970:

⁵¹ Trecho foi retirado do documentário *Estamira*. Diretor: Marcos Prado. Produção: Marcos Prado, José Padilha Roteiro: Marcos Prado, 2006.

Com o avanço dos debates em torno das pautas raciais durante o período (junto a uma efervescência cultural negra, como o movimento Black Rio, o Cacique de Ramos etc.), surgiu a necessidade de se “eleger” um símbolo que representasse a luta do povo negro brasileiro. A figura de Zumbi dos Palmares ganhou centralidade nesse debate, base para a construção do monumento da Avenida Presidente Vargas, nos arredores da Marquês de Sapucaí. Vale dizer, ainda, que há um busto de Zumbi em Caxias, sendo que, na década de 1980, o movimento negro da cidade levantou o debate acerca da possível troca do nome “Duque de Caxias” (homenagem a um “herói” sanguinário) para município “Zumbi dos Palmares”.

No desfile da Estação Primeira de Mangueira de 2019, a escola retoma o tema da injustiça, ao mostrar que os falsos heróis ainda são homenageados pelas atrocidades cometidas por eles, essa atrocidade é representada pela apresentação do nome de um Município do Rio de Janeiro, que carrega o nome do homem que foi responsável por chacinar negros e indígenas⁵². Muitos moradores não só do município de Duque de Caxias, mas ao redor de todo Brasil, não sabem quem foram as pessoas que dão nomes às ruas, avenidas e bairros. O que nos faz pensar sobre a importância de saber quem são os heróis que nos representam.

Oduô significa “Vigia dos Odu”, e “Odu” são os caminhos predestinados para o ser humano antes mesmo de seu nascimento. Esú é o responsável por entregar mensagens e trabalhos para os sacerdotes das religiões de matrizes africanas para que haja sucesso ou cautela durante os percursos desses caminhos, ele é o Orixá do equilíbrio entre o sagrado e o profano. A ala “Oráculo de Ifã” mostra a importância desse orixá para transmitir os desejos dos orixás para a terra, e os sacrifícios de seus filhos terrenos aos orixás. Não existe candomblé sem mercado, e nem Exú que não peça nada em troca. Isso acontece porque essa divindade também é conhecida como o Senhor do Mercado, no desfile da Grande Rio a ala “A Feira de Olojá” mostra que Exú é compra, venda e troca, simbolizando todo o movimento e a sociabilidade encontrada nesses espaços.

⁵² Caxias participou na repressão às lutas de independência ocorridas no Brasil em 1822, com destaque para a sua atuação na Bahia, em 1823, onde liderou a resistência monarquista. Atuou, igualmente, na repressão à Guerra da Cisplatina (atual Uruguai), à Balaiada (MA) e à Revolução Farroupilha (RS). A campanha de “pacificação” da Balaiada matou, de forma atroz, cerca de 10 mil pessoas entre população pobre, negros e mestiços. Na contensão da Revolução Farroupilha, Caxias liderou o que ficou conhecido como “Massacre dos Porrongos”, em que cerca de 1.700 lanceiros negros desarmados foram assassinados pelo Exército imperial. No entanto, a sua atuação mais conhecida foi na Guerra do Paraguai (1864 -1870) em que suas decisões e ações teriam garantido a vitória da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) no conflito. Neste evento, Caxias foi o responsável pela morte de cerca de 69% da população paraguaia. Dados de “Galeria dos Racistas” <https://galeriaderacistas.com.br/duque-de-caxias-2/>

O quarto setor do desfile denominado: “Alma das ruas, noites da Lapa” dá destaque para os exus catiços que descem nos terreiros de umbanda/candomblé para ajudar aqueles que têm fé (e aqueles que não a tem), que alertam sobre os perigos dos caminhos, e dão uma palavra amiga, e até uma bronca quando necessário. A ala “Povo da calunga pequena” homenageia toda a linha do cemitério, segundo informações disponíveis no livro abre alas da escola o termo calunga tem origem banto, “Kalunga”⁵³ que quer dizer “grandeza, imensidão, o mar, a morte”, o Atlântico por onde era realizada as rotas dos navios negreiros era chamado de “Calunga Grande” pois os pretos que morriam durante a travessia eram jogados ao mar, assim os cemitérios físicos passaram a ser conhecidos como “Calunga Pequena”. O cenário melancólico e sombrio em volta da morte não era algo que fizesse parte das tradições africanas, é algo que aprendemos com os europeus e o escravismo. Na Ilha de Madagascar por exemplo existe a Famadihana⁵⁴ onde as famílias retiravam dos túmulos os restos mortais de seus antepassados para dançar e festejar a finitude humana.

Os nômades chamados de ciganos são povos de diferentes etnias e religiões, de costumes nômades, que se mudam de tempos em tempos à procura de comida e um local para se estabelecer temporariamente, infelizmente esses povos são marginalizados, perseguidos e associados a assassinos de crianças. Nos terreiros de umbanda é comum associar a linha dos ciganos às giras de exu, a gira pode acontecer separadamente ou conjunta já que as encruzilhadas da vida fundiram ritos africanos aos cultos ciganos. Os povos ciganos também são conhecidos pela roupas coloridas, prosperidade financeira, fartura, lenços, ouro e as previsões do jogo de baralho. A comunidade LGBTQIA+ também alvo de perseguições, violência e morte, dão vida a ala “Pombagira Cigana”. A ala “Espírito da Lapa” retoma uma tradição da década de 1990, e ali, a Grande Rio apresenta um grupo formado por travestis e mulheres trans celebrando a liberdade e a insubmissão ao defenderem múltiplas possibilidades e identidades, a escola reverenciava ainda alguns dos principais aspectos da visão exusíaca de mundo, marcada pela pluralidade que não se curva aos padrões.

A ala “Reis e rainhas da rua” homenageava dois populares e importantes catiços nos terreiros de umbanda: Maria Padilha e Tranca Ruas, entidades que trazem consigo a energia

⁵³ A expressão **Kalungas** significa "Tudo de bom" em língua banto e também significa "Necrópoles" (linha do mundo dos mortos) em língua banto-Kikongo. Wikiversity <https://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Kalunga>.

⁵⁴ Ver também em A tradição em Madagascar de dançar com corpos de parentes mortos. BBC Internacional, 11 de outubro, [https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37623857#:~:text=O%20Famadihana%20\(algo%20como%20%E2%80%9Cvirada,os%20vivos%20e%20os%20mortos.](https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37623857#:~:text=O%20Famadihana%20(algo%20como%20%E2%80%9Cvirada,os%20vivos%20e%20os%20mortos.)

das ruas. Os passistas de Tranca Ruas estão vestidos de paletó, capa e cartola com um galo no topo da cartola, fazendo referência ao ponto mais famoso desta entidade “*O sino da igreja faz belém blem blom, deu meia noite o galo já cantou, seu Tranca Ruas que é o dono da gira, ó corre gira que Ogum mandou*”. Já as passistas de Maria Padilha traziam rosas na cabeça e taças nas mãos. Faz-se necessário destacar que as pomba-gira entregam palavras de carinho, força, esperança e ajudam as mulheres a superar ou sair de um relacionamento abusivo, elas não estão ligadas somente aos assuntos amorosos, mas principalmente ao respeito à vontade própria das mulheres. A rainha da bateria⁵⁵ Paola Oliveira estava vestida de “Sou do fogo e gargalhada” fazendo alusão às pomba-giras de todas as falanges, enquanto a bateria vestia-se de curinga para afirmar que “*Nunca foi sorte, sempre foi Exú*” quem dá as cartadas da vida golpeando o destino.

A velha guarda estava vestida de “Zé Pelintra e Maria Navalha” símbolos da resistência de uma época em que fazer samba era considerado vadiagem. A musa⁵⁶ Adriana Bombom representava o “Fio da Navalha” mulher poderosa que traz o machismo na ponta do pé. A terceira alegoria da escola apresentava as imagens dos exus citados no samba enredo “Exu Caveira, Sete Saias, Catacumba. É no toque da Macumba, Saravá, Alafíá! Seu Zé, malandro na encruzilhada Padilha da saia rodada Ê, Mojubá! Sou Capa Preta, Tiriri Sou Tranca Rua, amei o Sol Amei a Lua, Marabô, Alafíá! Eu sou do carteadado e da quebrada, sou do fogo e gargalhada Ê, Mojubá!” (GRANDE RIO, 2022). O carro foi inspirado nos altares feitos para exus catiços onde podemos ver anéis, batons, camafeus, moedas, taças, navalhas, perfumes, rosas etc. A agremiação queria que a alegoria fosse uma crítica ao crime de ódio que as casas e os filhos de axé sofrem todos os dias. O povo das ruas é criminalizado e são também taxados como vadios, agressivos e perigosos, normalmente essas pessoas são pretas, pobres e periféricas.

“Exu Mirim” é uma das várias faces de exu onde ele se manifesta em forma de criança arteira, travessa. O que chama a atenção na ala é que os foliões têm consigo uma imagem do jogador de futebol Garrincha, mas por quê? Aos olhos dos amantes de futebol, a maneira com que o jogador driblava era fora do normal, como se algo dominasse o corpo dele. Os carnavalescos fizeram essa associação entre o ex-jogador e a imagem do exu travesso. Seu “Sete da Lira” foi uma entidade conhecida por conduzir um bloco de carnaval no bairro do

⁵⁵ A rainha de bateria é responsável por desfilar à frente dos instrumentistas, auxiliando o mestre na condução e animação da bateria.

⁵⁶ As musas desfilam à frente aos carros alegóricos, as escolas de samba podem ter mais de uma musa, cada uma representando uma parte do samba-enredo.

Santíssimo no Rio de Janeiro. Dona Cacilda era a médium que dava passagem para que a entidade fizesse seus feitos e festas, a Grande Rio homenageia assim, esse o exu que causou rebuliço na televisão e nos carnavais dando seu nome para uma ala da escola.

A Agremiação monta uma ala somente com mestres-salas e porta-bandeiras mirins que carrega o nome de “Exu nas escolas”. Se aprendemos na escola sobre o deus cristão porque não falar sobre exu? Exú é conhecimento, sabedoria, e se uma religião é ensinada nas escolas, tantas outras também deveriam ser. A lei N°10.639/2003⁵⁷ estabelece que a História e a Cultura Afro- Brasileira sejam ensinadas nos ambientes escolares, mas sabemos que na realidade muitos professores ignoram a existência da lei, da história e da cultura preta.

A ala “Exus contemporâneo” ressalta que “Exu está nos museus, nos muros, nas baladas, nas telinhas, nas telonas, nas escolas e nas escolas de samba – sempre esteve, mas talvez não fosse visto; tem aparecido mais, mas ainda é muito pouco. Diante da permanência do racismo religioso e da continuidade dos discursos de demonização” (GRANDE RIO, pág 367, 2022). O tripé “A boca que tudo come” é denominada como máquina da comunicação de Exú que quer espalhar a palavra de Exú pelo mundo através da arte.

A cantora Pocah ganha um destaque no chão “Na batida de exú” que simboliza os estilos musicais menosprezados pela sociedade: o hip hop e o funk, gêneros de origem preta, o destaque faz uma associação a Exú que também é menosprezado e visto como ruim e impróprio. “O barroco exusíaco de Sinhá Olímpia” homenageia uma figura famosa da cidade de Ouro Preto-MG, conta a história de Olímpia, uma jovem rica que se apaixonou por um estudante de farmácia que, por não pertencer a mesma classe social da moça, foi proibido pelos pais da jovem de seguir com o romance. O rapaz morreu de tristeza e Olímpia virou Sinhá Olímpia uma mulher que vestia roupas coloridas, e em troca de cachaça ou dinheiro, passava informações ou contava histórias. Alguns associam a sua imagem à de uma pomba-gira.

O setor questiona o que seria considerado lixo, já que nele encontramos pessoas sabias e muito ricas, mas não daquilo que o homem pode comprar. Outra riqueza considerada lixo é Estamira Gomes de Souza. Ela foi uma catadora de materiais recicláveis do maior lixão da América Latina: Jardim Gramacho, que foi fechado em 2012. Em meio ao cenário no qual ela vivia, elaborou reflexões extremamente densas acerca da vida humana, do universo, das

⁵⁷ L 10639 de 09 de janeiro de 2003. Presidência da República. Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

religiões e das ideias sobre lixo e loucura. Criticou ferozmente a sociedade que se via refletida nas montanhas de Gramacho, uma sociedade marcada pelo consumo desenfreado e pelo desprezo com seus moradores. Estamira foi protagonista do documentário que carrega seu nome e conta sua história, e agora é protagonista do samba enredo e do desfile da Grande Rio que homenageia as riquezas retiradas dos ditos lixões. As roupas dos passistas dessa ala foram confeccionadas em oficinas coletivas graças a uma parceria entre instituições de ensino EBA-UFRJ, IFRJ e PUC-Rio, utilizando sobras de materiais de outros processos carnavalescos como os materiais utilizados no carro abre-alas da escola em 2020, e principalmente as sobras dos materiais da alegoria de “Fala, Majeté!”. Também foram utilizados materiais adquiridos a partir de uma parceria com a Associação de Catadores de Jardim Gramacho, na figura de Tião Santos⁵⁸, um conhecido de Estamira.

“Fala Majeté” é a alegoria que encerra o desfile da escola de Caxias, retratando o antigo lixão de Gramacho que era localizado no mesmo bairro que a sede da escola de samba. O carro é uma visão do poder transformador de Exu a partir das provocações observadas nos discursos de Estamira

“Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto, e às vezes vem também descuido. Resto e descuido. Quem revelou o homem como único condicional ensinou ele a conservar as coisas, e conservar as coisas é proteger, lavar, limpar e usar mais o quanto pode. Você tem sua camisa, você está vestido, você está suado, você não vai tirar a sua camisa e jogar fora, você não pode fazer isso.” (GRANDE RIO, pág. 307, 2022).

As falas de Estamira apontam para a possibilidade da transformação do pensamento, do olhar inclusivo, da reconexão o ato de re-ligar, raiz de “religião” com o sagrado que não necessariamente precisa passar por certezas ou dogmas. Ao “telefonar para Exu”, Estamira conecta-se ao sagrado de maneira tão humana que causa estranhamento. Exu é o mais humano dos Orixás, a entidade do panteão afro-brasileiro cuja energia é mais próxima da terra, tão próxima dos homens que pode se manifestar no lixo, naquilo que os próprios homens descartam.

⁵⁸ Tião Santos nasceu em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, em 1979. Aos oito anos pisou pela primeira vez no aterro sanitário de Jardim Gramacho, o maior da América Latina, onde trabalhou como catador até seu fechamento, em 2012. Ainda jovem, liderou os principais movimentos pelos direitos dos catadores e fundou, em 2008, a primeira associação que representa a categoria no estado – que em seguida se tornou referência nacional. Ficou mundialmente conhecido em 2011, quando o documentário “Lixo extraordinário” – que acompanha o trabalho do artista plástico Vik Muniz no lixão e dá destaque à sua trajetória como líder – foi indicado ao Oscar. Hoje tem sua própria empresa de consultoria e dá palestras sobre reciclagem por todo o Brasil. É casado e tem uma filha.

A visão exusíaca de mundo, celebrada ao longo do desfile, ensina que o jogo só termina quando Exú permitir. A Grande Rio ao abordar um desfile somente sobre Exú, algo nunca visto antes, quebrou paradigmas e estabeleceu novos padrões. Exú deve ser saudado por toda sabedoria que carrega e lhe é negada e omitida. A imagem de Estamira, Sinhá Olimpia, Tião Santos e de tantos outros “desprezíveis” devem ser exaltadas sim nos desfiles das escolas de samba. Afinal, o carnaval é, foi e será isso mesmo, uma festa da inversão: dando voz aos que são considerados loucos e mendigos pela sociedade. O Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio foi consagrada campeã de 2022, mas também não era de se esperar outra coisa, afinal “É pois é... Exú dá caminho, é só pedir com fé”.

2.3 Considerações finais

Ao longo dos três desfiles apresentados neste trabalho é possível perceber que os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro vão muito mais além do que quatro dias de festa e diversão. O carnaval conta a história dos brasileiros menosprezados no nosso país que em sua maioria são pobres, pretos, indígenas e nordestinos, um povo que desde a chegada dos portugueses luta para ter o mínimo de dignidade, e até isso lhes é negado. As agremiações desempenham um papel muito importante para contar a história dos oprimidos a partir de seus próprios relatos, o material levantado além de contar com muito estudo acadêmico, antropológico e histórico, também possui entrevistas de testemunhas ou parentes/amigos próximos do objeto que decidem estudar, o que faz toda diferença para o desfile, trazendo uma perspectiva totalmente única.

Utilizei somente três escolas, mas são mais de dez agremiações que se apresentam no sambódromo carioca todos os anos. Escolas que carregam histórias magníficas desde sua fundação até os dias de hoje, que contam a história de um povo que muitas vezes é menosprezado no cotidiano, mas nas quadras das escolas de samba tornam-se reis, rainhas e mestres. Chega a ser um disparate que todo o esforço e trabalho feito pelas agremiações seja reduzido a meros quatro dias de festas, que os professores e os currículos escolares não se deem ao trabalho de mostrar para os estudantes o que realmente é o carnaval.

Outro desserviço muito grande é a falta de conhecimento sobre o material utilizado pelas escolas de samba. Normalmente, quem sabe da existência do livro abre alas são aqueles

que produzem o carnaval, os estudiosos do assunto e a banca de jurados, quem está de fora desse círculo dificilmente saberá onde encontrá-lo ou até mesmo da existência desse material. São dados que ajudariam os próprios espectadores a entenderem o nome, as vestes e as alegorias carnavalescas. Mesmo que os comentaristas das transmissões passem algum tipo de informação durante a apresentação das escolas são informações superficiais, rápidas que o telespectador nem consegue compreender direito o que foi dito e o porquê a escola fez tais referências e comparação.

Como mostrado nesse trabalho muitas alas passam despercebidas pelos comentaristas, e na maioria das vezes são alas bem provocativas, ou seja, o boicote de informação não é um mero esquecimento, é proposital. Assim como na transmissão do desfile da Grande Rio de 2022, em que as filmagens foram feitas em Full HD, mas para quem assistiu integralmente ao desfile a imagem final estava com uma péssima resolução comprometendo a visão de quem não pôde assistir ao vivo.

Diante da análise feita neste trabalho podemos concluir que o carnaval tem perdido sua essência ao longo dos anos, isso acontece pela influência da branquitude e da visão capitalista que quer a todo custo globalizar culturas, religiões, costumes e práticas de um determinado povo, algo que acontece desde 1500. Os desfiles de hoje em dia não se identificam mais com os desfiles da Praça Onze, onde os sambas eram improvisados e só participava da festa quem gostava de um batuque e tinha amor por sua escola. Atualmente as agremiações buscam cada vez mais clicks pela internet, buscam celebridades, pessoas que não fazem parte da comunidade para representá-la ao longo do desfile que é o caso do Grêmio Recreativo Acadêmicos do Grande Rio onde a ex-rainha de bateria e a atual rainha de bateria, são atrizes que nada fazem pela agremiação. Diferente de Evelyn Bastos, rainha da bateria da Mangueira que coordena diversos projetos dentro da escola como a Escola de Samba Mirim Mangueira do Amanhã.

Mesmo abordando temáticas importantes o carnaval tem dado cada vez mais espaços para os brancos e pessoas de fora da comunidade, o que é preocupante. O carnaval é uma crítica a uma sociedade cheia de preconceitos, violência e ódio, os desfiles são justamente para dar voz àqueles que são silenciados ao longo de todo ano, mas o branco quer dominar e comandar tudo que não lhe diz respeito. Atualmente a maior parte dos jurados do carnaval do Rio de Janeiro são brancos, os carnavalescos em sua maioria são brancos também. E é com esse discurso de que determinada cultura/manifestação/religião deve ser um lugar para todos

que cada vez mais essas práticas perdem sua essência. E conseqüentemente passam a ser aceitas pela sociedade, não porque agora as pessoas estão menos desconstruídas, mas porque agora ela é de “todos” e não do preto, do indígena e do nordestino. Agora ela passa a ser branca, e tudo que vem do branco é aceitável, bonito e sofisticado.

Está aí a necessidade das escolas de samba contarem a história que a história não conta, pois a história contada nas escolas não representa nem a metade da população brasileira, é uma história mentirosa, atrasada, racista, preconceituosa e intolerante. A omissão da verdadeira história só enfatiza cada vez mais os preconceitos entranhados na nossa sociedade que mesmo havendo muita luta, também há muito retrocesso. O Holocausto é visto como atrocidade, enquanto a escravidão é vista como mimi. É ensinado sobre o halloween, mas não é ensinado sobre o carnaval, as mitologias gregas e romanas estão sempre presentes nos livros de história, mas ao indígena restou somente a lenda do guaraná, aos negros que são descendentes de escravizados, ao nordestino a miséria.

Está na hora da cultura brasileira começar a receber a mesma importância e mérito que a cultura estrangeira, eles não merecem toda a importância que lhes foi dada desde que pisaram na América. Houve povos muito mais desenvolvidos do que os europeus colonizadores, esses sim são bárbaros, atrasados, preguiçosos e violentos. Carnaval como o nosso não é encontrado em lugar nenhum, somente aqui no Brasil, e ele merece respeito, merece mérito, já passou da hora do carnaval parar de ser responsabilizado pelos atos dos foliões ao longo do feriado, de ser apontado como imoral por conta das vestes das assistas. O carnaval deve ser apreciado pela seriedade e comprometimento das escolas em passar as informações e contar as histórias que não são contadas, fazer associação de diversos assuntos com o tema do ano. O carnaval é uma festa que entre batuques, nudez, alegria e sedução, faz uma crítica estrondosa da verdadeira realidade dos brasileiros.

Para finalizar, não foi utilizado fotografias neste trabalho justamente pela ideia de luxo e nudez transmitidas nas fotos oficiais do desfile. Minha intenção é apresentar o carnaval em sua essência: as expressões dos dançarinos, os detalhes das alas nas roupas dos foliões, a forma jacosas de abordar temas sérios e os vários assuntos interligados a um único tema.

REFERÊNCIAS:

ABRE ALAS SEGUNDA, G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA, pág 307-390, 2019.

ABRE ALAS SÁBADO, G.R.E.S. ACADÊMICOS DO GRANDE RIO, 261-410, 2022.

ABRE ALAS SEXTA, G.R.E.S. BEIJA-FLORES DE NILÓPOLIS, pág 399-478, 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

A Pandemia De Covid-19 E A Desigualdade Racial De Renda, artigo de Pedro H. G. Ferreira de Souza para a Revista do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11561/25/218212_LV_Impactos_Cap21.pdf

Brasil poderia ter sido primeiro do mundo a vacinar, afirma Dimas Covas à CPI. Senado Federal, 27 maio 2021.

Carnaval: Brasil já teve que adiar a folia em anos anteriores. Carnaval: Brasil já teve que adiar a folia em anos anteriores. Fonte: Agência Brasil.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2021-02/carnaval-brasil-ja-teve-que-adiar-folia-em-anos-anteriores>

CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. As irmandades religiosas de Africanos e afro-descendentes. Revista PerCursos, Florianópolis, v.8, n. 1, p. 03-17.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/download/1525/1287/2570>

CULTURA POPULAR, UM CONCEITO E VÁRIAS HISTÓRIAS 1 Martha Abreu2 In: Abreu, Martha e Soihet, Rachel, Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

Desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, 2022.

Desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis, 2022.

Desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, 2019

Estamira. Diretor: Marcos Prado. Produção: Marcos Prado, José Padilha Roteiro: Marcos Prado, 2006.

Fala Mangueira! Direção: Frederico Confalonieri. Narração: Grande Otelo. Com Ítala Nandi e Abdias do Nascimento 1981.

FERREIRA DE SOUZA, P. et al. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11561/25/218212_LV_Impactos_Cap21.pdf>
. Acesso em: 15 jun. 2023.

GUERINI, C. O mito verdadeiro e o mito falso (Bolsonaro). Artigo de Leonardo Boff.

Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/613265-o-mito-verdadeiro-e-o-mito-falso-bolsonaro-artigo-de-leonardo-boff>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Kabengele Munanga - *Teoria Social E Relações Raciais No Brasil Contemporâneo*.

LIESA - Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<https://liesa.globo.com/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Línguas africanas no Brasil. Margarida Maria Taddoni Petter Niterói, n. 19, p. 193-217,2.
sem. 2005 <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33263/19250>

NATAL, V. F. Sobre relações de reciprocidade entre jogo do bicho e escolas de samba no carnaval carioca. *PONTO URBE*, v. 23, p. 1, 2018.

O carnaval como uma peça da construção identitária brasileira. Rodrigo Muniz F. Nogueira.

O Rio de Janeiro e a República que não foi / José Murilo de Carvalho. - São Paulo:
Companhia das Letras, 1987.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Pontes editores, 2005.

Racismo religioso cresce no país, prejudica negros e corrói democracia. Fonte: Agência Senado. Fonte: Agência Senado Federal

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/racismo-religioso-cresce-no-pais-prejudica-negros-e-corroi-democracia>

Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas | Agência de Notícias. Disponível

em:<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>.

